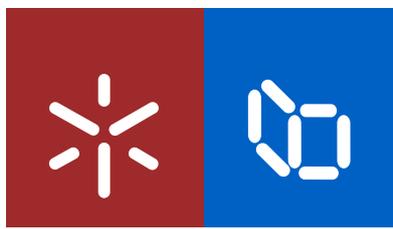


Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Ding Ning

**A Comunidade Chinesa em Portugal:
acerca de atividades económicas,
associativismo, integração e a segunda
geração**



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Ding Ning

**A Comunidade Chinesa em Portugal:
acerca de atividades económicas,
associativismo, integração e a segunda
geração**

Dissertação de Mestrado em Estudos Interculturais
Português/Chinês: Tradução, Formação e
Comunicação Empresarial

Trabalho realizado sob a orientação do
Professor Doutor Manuel Gama
e da
Professora Doutora Sun Lam

Declaração

Nome: DING NING

Endereço Eletrónico: dingningtuo@126.com

Telemóvel: 00351 - 968462200

Número do Passaporte: G32765318

Título da Dissertação: A Comunidade Chinesa em Portugal: acerca de atividades económicas, associativismo, integração e a segunda geração

Orientadores: Professor Doutor Manuel Gama e Professora Doutora Sun Lam

Ramo de Conhecimento: Estudos Interculturais Português/Chinês

É autorizada a reprodução integral desta dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Universidade do Minho, / / ,

Assinatura:

**Aos meus pais
que merecem este trabalho**

Agradecimentos

Um agradecimento profundo aos meus orientadores Professor Doutor Manuel Gama e Professora Doutora Sun Lam pela disponibilidade, atenção dispensada, paciência, dedicação e profissionalismo em todas as fases que levaram à concretização deste trabalho.

Um agradecimento especial à Diretora do Curso de Mestrado em “Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial”, Professora Doutora Sum Lam, pela sua simpatia, apoio, incentivo e disponibilidade em todo o tempo decorrido do mestrado.

Aos meus pais, pelo amor e apoio incondicional.

A todos os docentes do Curso de Mestrado em “Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial”, pela paciência e pelos conhecimentos transmitidos.

Aos docentes do Departamento de Língua e Cultura Portuguesas da Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin, na China, pela paciência e pelo contributo à minha formação, durante a licenciatura.

A todos aqueles que participaram nos dois inquéritos e em várias entrevistas realizadas para a minha dissertação, por terem contribuído diretamente para este trabalho. Só com a sua paciência, simpatia e colaboração foi possível realizar este estudo.

Aos meus amigos Sra. Lin Man, Sr. Shen Hao e Sra. He Sha, por me terem dado oportunidade e facilidade de realizar pesquisas e estudos para a minha tese.

Ao meu grande amigo Pan Tuo, pela sua confiança, carinho e apoio incondicional.

Ao meu grande amigo Wu Shengyuan, pelas suas sugestões e pela sua grande amizade e ajuda.

Aos meus grandes amigos Zhu Mingshan, Liao Yiran, Wu Yipei, Ai Yuan, Zhang Gong, Yu Danqi e Wang Shujuan, por todo o encorajamento, carinho e simpatia.

Aos meus colegas de mestrado, pela amizade e apoio, a todos os níveis.

Resumo

Pretende-se com este trabalho apresentar vários aspetos relevantes relacionados com a comunidade chinesa em Portugal, para um melhor entendimento da mesma. Na perseguição de tal desiderato, serão abordados o contexto da imigração; o empreendedorismo e a economia do enclave étnico, com foco nos três pilares económicos tradicionais; o associativismo e as organizações relativamente influentes; a realidade de inserção da comunidade chinesa na sociedade de acolhimento e questões sobre identidade cultural e a educação da segunda geração.

Além da observação descritiva, fundamentada em dados e informações obtidos em obras literárias e uma série de estudos empíricos desencadeados nas duas regiões com maior presença dos chineses, Lisboa e Varziela, apresento ainda várias sugestões com o intuito de fomentar a sustentabilidade do desenvolvimento económico da comunidade chinesa e estimular uma melhor integração social deste grupo étnico. Por fim, é de lembrar que a integração é um processo mútuo, requer não só esforço por parte dos imigrantes, mas também um ambiente favorável à integração, criado pela sociedade acolhedora.

Abstract

The purpose of this thesis is to give a general presentation of various aspects related to the Chinese Community in Portugal for a better understanding of it. The topics addressed in this thesis include the context of immigration; entrepreneurship of Chinese immigrants and the ethnic enclave economy with special focus on the three traditional economic pillars; relatively influential associations and organizations; the current situation of social insertion of the Chinese community in the hosting society and questions about cultural identity and education of the second generation.

The descriptive observation is mostly based on data and information obtained through literary works and several empirical studies developed in two regions densely populated by Chinese immigrants, Lisbon and Varziela. In addition, several suggestions are proposed in this paper with a view to promote sustainable economic development of the Chinese community and to encourage a better social integration of this ethnic group. Finally, it is vital to remember that integration is a mutual process, which not only requires effort on the part of immigrants but also a favorable environment created by the hosting society.

摘要

本论文旨在从不同方面介绍葡萄牙华人群体，包括移民背景、华人创业事业和聚居区族裔经济尤其是三大传统经济支柱、影响力较大的华人社团及其重要性、华人群体在当地社会的融入现状和二代移民的文化身份及教育现状。

论文中使用的部分数据和信息来自于文献资料，更多的则是通过笔者在里斯本和波尔图这两大华人聚居区进行实地调研得出的结果。论文除了对葡萄牙华人侨民的经济发展和社会融入现状进行了客观论述以外，还提出了一系列建议，希望能够促进华人经济的持续发展和更深层次的社会融入。同时，本文中还指出社会融入不仅仅需要移民本身做出努力，也需要葡萄牙当地社会创造有利的融入环境。

Índice

Introdução	1
Capítulo I - O Contexto da Imigração Chinesa em Portugal	5
Capítulo II - As Principais Atividades Económicas dos Imigrantes Chineses em Portugal.....	9
2.1 – Os empreendedores chineses	10
2.2 - As atividades económicas envolventes.....	11
2.3 - Os três pilares económicos dos imigrantes da primeira geração.....	15
2.3.1 - Restauração – o negócio inicial em que se fundamentou o desenvolvimento contínuo da comunidade chinesa.....	15
2.3.1.1 - O seu crescimento e desenvolvimento.....	16
2.3.2 - A diversificação das indústrias económicas como pilares da comunidade chinesa	18
2.3.2.1 - Comércio grossista.....	18
2.3.2.2 - Comércio por retalho.....	21
2.4 - Competição violenta e problemas surgidos dentro e fora da comunidade	23
2.4.1 - O caso da restauração chinesa	24
2.4.2 - O caso comércio	25
2.5 - As soluções aplicáveis	26
2.5.1 - Reformular o modelo de negócios existente.....	26
2.5.2 - A exploração de novas áreas de negócios.....	27
Capítulo III - O Associativismo da Comunidade Chinesa em Portugal	31
3.1 - Introdução.....	32
3.2 - As três principais associações	34
3.3 - A Associação Cristã dos Chineses e o seu desempenho na própria comunidade.	35
3.3.1 - Função das igrejas na comunidade.....	38
Capítulo IV - A Integração da Sociedade de Acolhimento por parte da Comunidade Chinesa	40
4.1 - Introdução.....	41
4.2 – As causas do baixo nível de interação social por parte da comunidade chinesa	43

4.3 - Iniciativas para promover a integração social	46
4.3.1 - Papel do Governo e dos serviços públicos no processo da integração ..	46
4.3.2 - Esforços por parte dos imigrantes chineses	47
Capítulo V - A Segunda Geração.....	51
5.1 - Identidade étnica	53
5.1.1 - Definitivamente Chineses?.....	54
5.1.2 - Talvez Portugueses?	56
5.2 - Fatores-chave em relação à mobilidade social e à integração.....	58
5.2.1 - Estatuto socioeconómico dos pais.....	59
5.2.2 - Valores culturais tradicionais chineses	61
Conclusão.....	63
Bibliografia	68
Weblinks	73
Anexos	76

Índice de Quadros

Quadro 1 - Levantamento das associações e data de constituição	33
Quadro 2 - Motivos porque os imigrantes chineses se sentem “stressados, deprimidos ou sozinhos”	36
Quadro 3 - Principais dificuldades sentidas no país de acolhimento.....	42

Introdução

Os dados estatísticos relativos à imigração chinesa em Portugal revela consideráveis discrepâncias, se analisarmos os números de vários institutos, estudos sociológicos ou socioeconómicos. Numa entrevista realizada em 2004 ao *Jornal de Notícias*, Y Ping Chow, o presidente da Liga dos Chineses em Portugal, estimava a existência de 15 mil chineses em Portugal naquele momento¹. Em 2006, segundo uma fonte do *Correio da Manhã*, o número de chineses em Portugal alcançara já os 20 mil, dos quais 4.548 não se encontraram legalizados². A maior parte da população chinesa é oriunda de dois municípios muito específicos de Wenzhou³ e Qingtian⁴, província de Zhejiang⁵ no sudeste da China.

Os imigrantes chineses em Portugal estão muito dispersos, registando-se contudo uma concentração nos grandes centros urbanos, que são ordenados por ordem decrescente de representatividade⁶: Lisboa; Porto; Faro; Aveiro; Braga; Leiria, sendo que o Faro é mais representativo no verão.

As empresas chinesas operam predominantemente no setor dos serviços, primeiro na restauração, e depois no comércio, quer de retalho quer grossista, bem como no *import-export*.

As empresas chinesas são tipicamente micros e pequenas empresas, apoiadas em redes de relações familiares e étnicas. Tiveram muito sucesso com os preços baixos praticados nestes estabelecimentos e um espírito de trabalho apreciável e até incompreensível aos olhos dos portugueses. Hoje em dia, confrontando uma grande saturação do mercado, uma acérrima concorrência interna, e ainda pior, a crise global, os negócios dos chineses em Portugal são muito afetados, forçando muitos

¹ Informação obtida em http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=473174, consultada no dia 23 de março de 2012.

² *Correio da Manhã*, 27 de janeiro, 2007.

³ Wenzhou ou Wenchow (温州 em chinês, *Wēnzhōu*) é uma cidade da província de Zhejiang, na China. Com cerca de 1.225 mil habitantes, localiza-se no sudeste da província e foi fundada no século IV.

⁴ Qingtian (青田 em chinês, *Qīngtián*) é um condado montanhoso na província de Zhejiang, na China, sob a administração da cidade de Lishui. A capital do condado é Hecheng, também conhecida como Cidade Qingtian.

⁵ Zhejiang, Chekiang ou Chequião (浙江 em chinês, *Zhèjiāng*) é uma província da República Popular da China, situada no sul litoral do país.

⁶ Matias, Ana, *Imagens e Estereótipos da Sociedade Portuguesa Sobre a Comunidade Chinesa – Interação Multissecular via Macau*, Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e das Empresas, Lisboa, março 2000, p. 45.

empresários a recorrer a reformas dentro do mesmo setor ou explorar novas áreas de negócios.

Para promover a amizade entre os imigrantes chineses, reforçar a solidariedade e a ajuda mútua, suportar a construção económica do país materno, apoiar a educação do chinês dos imigrantes, preservar e difundir a cultura tradicional chinesa, e impulsionar a integração da comunidade chinesa na sociedade anfitriã surgiram 16 associações e organizações chinesas com influência em várias áreas, entre as quais se realizam três principais: Associação Luso-Chinesa em Portugal, criada em 1990, com sede na Albufeira; Associação de Comerciantes e Industriais Luso-Chinesa, criada em 1997, com sede em Lisboa (Algés) e Liga dos Chineses em Portugal, criada em 1997, que corresponde a uma mini-federação de associações de natureza distinta, com sede no Porto, cuja área de intervenção é fundamentalmente a zona Norte.

Do conjunto de imigrantes que se fixaram em Portugal, oriundos de diversos pontos do globo, a população chinesa tem uma das maiores propensões para o desenvolvimento de iniciativas empresariais. Assim, esta comunidade contribui para a criação de novos postos de trabalho – combatendo o desemprego existente - e tem um papel importante na chegada de novos trabalhadores imigrantes, ao mesmo tempo que contribui para o aumento da oferta de serviços e bens, a preços competitivos, contribuindo desta forma para o desenvolvimento socioeconómico de Portugal.

Contudo, estes impactos positivos têm pouca visibilidade. De facto, a comunidade chinesa em Portugal é muito fechada e a primeira geração dos imigrantes chineses tem relativamente pouco contacto com a sociedade portuguesa. Os seus conhecimentos limitam-se às áreas de restauração chinesa, venda e distribuição de produtos. Devido a barreiras linguísticas, falta de conhecimento da sociedade local, círculo social restrito e qualificação e formação profissional desadequadas, a diversificação e penetração dos imigrantes chineses em outras áreas da sociedade portuguesa é muito dificultada. E mesmo a segunda geração, que possui um melhor domínio da língua e está melhor adaptada à sociedade de acolhimento, encontra-se na sua maioria num nível baixo de integração. Para tal, muito contribuirá o seu insucesso escolar, que leva a uma interação social ou profissional difícil e, por consequência, a uma mobilidade social reduzida.

Dada a escassez de estudos literários relacionados com o tema do trabalho, optou-se por realizar investigação de campo em Lisboa e no Porto, onde trabalhei como assistente durante cinco meses, respetivamente, em empresas de consultoria jurídica e consultoria fiscal que prestam serviços quase exclusivamente aos imigrantes chineses. Isto possibilitou e favoreceu um contacto mais direto e prolongado com a comunidade de imigrantes chineses. Os dados e informações recolhidos através de conversas, entrevistas, inquéritos e observações diretas foram submetidos depois a uma análise estatística e interpretados neste trabalho.

Através da análise e interpretação dos dados recolhidos, será possível caracterizar em traços gerais a situação atual vivida pela comunidade chinesa em Portugal, ou seja, os sucessos e dificuldades enfrentados pelos negócios chineses, o associativismo da comunidade chinesa e a sua importância para o próprio grupo étnico, bem como questões relacionadas com a identidade e educação da segunda geração. Além disso, pretende-se com este trabalho dar algumas sugestões para promover a sustentabilidade económica dos negócios chineses e uma maior integração na sociedade anfitriã por parte deste grupo específico de imigrantes.

Capítulo I

O Contexto da Imigração Chinesa em Portugal

A entrada da China, no final de 2001, na Organização Mundial do Comércio e a posterior abolição de quotas de importação dos seus produtos, em janeiro de 2005, teve significativas consequências no mercado mundial, com reflexos também em Portugal, onde, face ao aumento da importação de produtos de origem chinesa, surgiram e multiplicaram-se armazéns e lojas dedicados à venda de produtos oriundos da China.

Na verdade, o registo da chegada dos primeiros imigrantes chineses a Portugal remonta aos anos 20 do século XX, quando estes desenvolveram um comércio ambulante em Lisboa, Porto e Setúbal⁷. Estes pioneiros chineses vendiam gravatas de seda, pendentes duma varinha de madeira suspensa, apregoando: *Bonito e Barato!* Eram muito poucos e só se tornaram mais visíveis a partir dos anos 70.

Na sequência da descolonização (1974/75), chegou a Portugal a primeira vaga de imigrantes chineses, oriundos de Timor, Angola e sobretudo Moçambique, constituindo hoje uma comunidade muito integrada e, em geral, com elevadas qualificações profissionais.

Na década de 80 registou-se uma nova e grande vaga migratória que poderá estar ligada à política de Reforma e Abertura do governo chinês, implementada em 1978. Estes novos imigrantes vieram diretamente da China, em particular da Província de Zhejiang. Ao contrário dos que vieram das ex-colónias de Portugal, aqueles desconhecem a língua portuguesa, constituem um grupo muito fechado, dedicando-se à restauração, comércio de vestuário e importação e venda de produtos chineses. É, de facto, este grupo de imigrantes e seus descendentes o alvo da abordagem da presente tese, por ser mais predominante e representativo em termos de quantidade, distribuição geográfica, importância económica e influência social.

O crescimento da migração chinesa para Portugal foi motivado, por um lado, pelo desenvolvimento económico e abertura da China continental, a que se somou o desejo de uma melhoria de qualidade de vida e maiores salários. Para além disso, as

⁷ Guimarães, Susana Raquel e Fernandes, José Rio, *O comércio de origem chinesa e o espaço comercial da Varziela (Vila do Conde)*, Universidade do Porto, Porto, 2009, Informação obtida em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7693.pdf>, consultado no dia 1 de abril de 2012.

imigrantes já estabelecidos e com negócios são muito inclinados para contactarem os familiares ou conhecidos na China para que venham trabalhar em Portugal, garantindo ajuda aos recém-chegados. Este tipo de garantia também favorece a migração. Os objetivos são trabalhar e poupar, sendo a legalização (autorização de permanência e residência) uma das grandes preocupações⁸.

Dadas as dificuldades de emigrar de forma legal, e face à atividade de agências de viagens que em vários países facilitam a entrada em países europeus, organizando não só o transporte mas também a obtenção dos documentos necessários à passagem de fronteiras, e garantindo a obtenção de empregos bem pagos nos países de destino (incluindo Portugal), há um número considerável de imigrantes que recorrem voluntariamente ao seu serviço. Neste processo, aceitam pagar tarifas de partida, pelo transporte, documentos e pelo contacto de alguém que em Portugal os auxilie na inserção no mercado de trabalho. Concordam também com o pagamento de um determinado valor, entregue a este contacto após a chegada ao destino.

O trajeto seguido pelos imigrantes apresenta semelhanças ao nível da forma utilizada para concretizar o desejo migratório: contacto com agências de viagens; obtenção de vistos de turismo de curta duração para o Espaço Schengen ou documentos falsos; receção no destino e encaminhamento para os locais de trabalho⁹.

De acordo com alguns entrevistados, que entraram no país de forma ilegal, os preços pagos podem variar entre os 18 mil e os 30 mil euros, dependendo do transporte usado e da rota seguida.

Nem todos vieram diretamente para Portugal com a intenção de ficar durante muito tempo. Por vezes, este funcionava como um destino intermédio para alcançar outros destinos europeus, porque é um dos países com preços mais baixos da União Europeia (UE) onde se poderia adquirir autorização de residência com mais facilidade. Por contraponto, houve imigrantes que estando em outros países europeus, vieram para Portugal nos anos de legalização extraordinária de estrangeiros (processo jurídico

⁸ Peixoto, João *et al.*, *O Tráfico de Migrantes em Portugal: Perspectivas Sociológicas, Jurídicas e Políticas*, Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, Lisboa, 2005, p. 214.

⁹ *Idem, Ibidem*, p. 216.

em resposta aos casos indocumentados – imigrantes clandestinos), especialmente em 2001, com a criação de autorização de residência permanente¹⁰, acabando por se fixarem em Portugal.

Os chineses com residência mais antiga em Portugal estão mais integrados na sociedade portuguesa, através de casamentos mistos ou educação em escolas portuguesas. Os que vieram mais recentemente vivem essencialmente isolados, privilegiando os laços entre pessoas da mesma origem. A maioria deles não fala português, não se insere na sociedade de acolhimento nem contacta com outras comunidades de imigrantes.

¹⁰ Informação obtida em www.advogados.in/index.php?option=com_content&view=article&id=57:legisla-sobre-regulariza-de-imigrantes&catid=28:direito-das-pessoas&Itemid=39, consultado no dia 5 de abril de 2012.

Capítulo II

As Principais Atividades Económicas dos Imigrantes Chineses em Portugal

2.1 Os empreendedores chineses

O projeto de investigação do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais (IEEI) e do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI), desenvolvido entre 2003 e 2005 e coordenado por Miguel Santos Neves e Maria Beatriz Rocha-Trindade, mostrou que existem três subgrupos de empresários chineses em Portugal, diferenciando-se pela língua, pelas referências culturais e pela amplitude da sua rede de contactos internacionais:

- a. Os empresários oriundos de Moçambique que chegaram a Portugal na década de 1970;
- b. Os empresários chineses da República Popular da China (RPC), que constituem o grupo dominante e é maioritariamente originário da província de Zhejiang (tal como em outros países europeus, em especial na Europa do Sul), cuja imigração se iniciou na década de 1980;
- c. Os empresários provenientes do triângulo do Sul da China, na década de 1990 (Macau, Hong Kong e Taiwan).

Não obstante elementos culturais comuns, estes grupos têm identidades diferentes e funcionam de forma separada, com um baixo nível de interação entre si. Por exemplo, existem barreiras culturais e linguísticas entre as comunidades chinesas de Moçambique e da República Popular da China, uma vez que a primeira fala cantonês e a segunda um dialeto de Zhejiang, bem como a existência de referências culturais distintas que se traduzem num diferente grau de integração na cultura ocidental. Este facto, bem como a concorrência empresarial direta, explicam a quase ausência de contactos e de parcerias entre as comunidades¹¹.

A grande maioria dos empresários chineses, mais de quatro quintos (4/5), provém da República Popular da China (83%), surgindo depois os empresários

¹¹ Cf. Miguel Santos Neves e Maria Beatriz Rocha-Trindade, “As diásporas e a globalização – a comunidade de negócios chinesa em Portugal e a integração da China na economia global” em *Revista Migrações – Número Temático Empreendedorismo Imigrante*, ACIDI, Lisboa, 2008, n.º 3, p. 174.

provenientes de Hong Kong (5%) e Moçambique (5%) e, em terceiro lugar, os empresários vindos de Macau (3%).

Relativamente aos empresários com origem na República Popular da China, a grande maioria é proveniente da Província de Zhejiang, localizada a sul de Shangai, representando 74% do total dos empresários oriundos daquele país asiático. No seio da Província de Zhejiang existem duas cidades/regiões dominantes: a cidade portuária de Wenzhou (que representa 35% do total de empresários provenientes daquela província), e a zona rural de Qingtian (com 22%), espaços que constituem, de acordo com diversos estudos realizados em vários países europeus, duas zonas tradicionais de imigração para a Europa¹².

2.2 As atividades económicas envolventes

As áreas económicas desenvolvidas pelos empresários chineses assistiram a uma expansão contínua e proporcional ao número dos imigrantes chineses, sendo que a maioria deles continuou concentrado no setor terciário. Contudo, a sua estrutura e forma de organização continua a ser tipicamente de micros e pequenas empresas de cariz familiar, com uma estrutura de decisão centralizada. Apesar disso, existe mesmo assim um número limitado de empresas com alguma dimensão internacional.

De um modo geral, os empresários chineses optam por um conjunto de PME¹³ em vez de uma grande estrutura na linha do modelo de organização empresarial, o que reduz a visibilidade e permite uma melhor gestão do risco¹⁴. Para tal, são empregados dois mecanismos distintos: dispersão geográfica do negócio, envolvendo vários estabelecimentos paralelos em diferentes zonas do país; e diversificação setorial, ou seja, gerir várias empresas de forma articulada em setores diferenciados. Esta flexibilidade elevada traduz-se na rapidez de entrada e saída num determinado segmento de mercado. A resposta às mudanças está mais associada à

¹² *Idem, Ibidem*, p. 175.

¹³ Pequenas e médias empresas.

¹⁴ Os empresários chineses são muito discretos e preferem evitar a atenção das autoridades governamentais.

sa ãda de um setor para outro, do que à adapta ção às flutua ções de um mercado no mesmo setor, dificultada pela natureza centralizadora dos processos de decis ão controlados pelo l ãder do grupo familiar¹⁵.

É importante referir que esta flexibilidade e forma de organiza ção em forma de PMEs t ãm sido moldadas tamb ém pelo *guanxi*¹⁶, um termo chin ês que descreve a din âmica b ástica da rede de contactos e influ ências pessoais e que constitui um conceito central da sociedade chinesa¹⁷. No mundo dos neg ócios chin ês, no entanto, é mais entendido como a rede de rela ções entre as v árias partes que cooperam e se apoiam uns aos outros. A mentalidade de empres ários chineses é muito de "Coce as minhas costas que eu co ço as suas". Em ess ência, isso resume-se à troca de favores, que se espera ser feita regularmente e de forma volunt ária¹⁸.

Como referido anteriormente, os empres ários chineses em Portugal prov êm na sua maioria da mesma regi ão, assim, s ão mais inclinados a mostrar boa vontade ou afeto pessoal uns aos outros, com particular ênfase na fam ília ou amigos pr óximos. Os *guanxi* e as rela ções de confian ça subjacentes contribuem para reduzir o risco e os custos de transa ção e, desta forma, os pre ços praticados, na medida em que os contactos sociais garantem o cumprimento das obriga ções. Por outro lado, tamb ém facilitam a concess ão do cr édito comercial, contribuindo para a redu ção dos custos financeiros, o que é de grande benef ício para os grossistas chineses em Portugal¹⁹.

As empresas chinesas operam predominantemente no setor dos servi ços, com particular incid ência no com ércio, a retalho ou grossista, bem como no *import-export*. As atividades econ ómicas em que os imigrantes chineses est ão envolvidos podem ser divididas em duas grandes categorias, apesar destas assumirem percentagens significativamente d íspares:

- a.) Atividades que t ãm como clientes-alvo imigrantes do pr óprio grupo étnico;
- b.) Atividades que t ãm como clientes-alvo consumidores portugueses.

¹⁵ Cf. Miguel Santos Neves e Maria Beatriz Rocha-Trindade, *ob. cit.*, p. 177.

¹⁶ Guanxi (关系 em chin ês, *Guānxi*) significa literalmente o conjunto de relacionamentos ou liga ções pessoais.

¹⁷ Informa ção obtida em <http://es.wikipedia.org/wiki/Guanxi>, consultado no dia 10 de abril de 2012.

¹⁸ Informa ção obtida em <http://chinese-school.netfirms.com/guanxi.html>, consultado no dia 10 de abril de 2012.

¹⁹ Cf. Miguel Santos Neves e Maria Beatriz Rocha-Trindade, *ob. cit.*, p. 178.

Em suma, as atividades económicas que têm como clientes-alvo imigrantes do próprio grupo étnico são de menor relevância quando comparadas com as atividades económicas viradas para o mercado português e pertencem maioritariamente ao setor terciário, sendo eles cabeleireiros e/ou salões de beleza, consultórios jurídicos, agências de viagens, *snack-bar* com serviço de refeições rápidas aos chineses, escolas chinesas com o ensino focado para os chineses da segunda e terceira gerações, construção civil mas operando em pequena ou média escala fornecendo por exemplo serviços de remodelação e *design* dos estabelecimentos comerciais ou habitações, supermercados chineses, *media*, clínicas, livrarias, etc.

As atividades económicas que têm como clientes-alvo consumidores portugueses estão sobretudo relacionadas com o comércio e a restauração, considerados como pilares da sobrevivência de grande número de imigrantes chineses em Portugal, verificando-se uma expansão limitada no setor secundário, nomeadamente na indústria têxtil e de calçado.

a) Atividades que têm como clientes-alvo imigrantes do próprio grupo étnico

Esta categoria tem-se expandido e diversificado nos últimos anos, com o surgimento de consultórios jurídicos e fiscais, lojas informáticas e clínicas. A expansão destas atividades económicas foi possível devido à formação dos imigrantes da segunda geração e a entrada em Portugal de chineses com formação superior. O receio de reviver as lutas contínuas, dificuldades linguísticas, falta de conhecimento do sistema jurídico, dificuldade de integração e duras condições de vida vividas pelos pais imigrantes aquando a sua chegada a Portugal, e a vontade de melhorar a qualidade de vida da comunidade chinesa, motivou os imigrantes de segunda geração a estudarem, acabando mesmo, em alguns casos, o ensino superior ao nível da licenciatura ou mestrado. O estudo contínuo dos imigrantes da segunda geração também é facilitado pela riqueza criada pelos pais uma vez que estes, desejando melhorar a vida dos seus filhos, ajudam a suportar os gastos educativos, fazendo com que os seus filhos se possam concentrar nos seus estudos²⁰.

²⁰ Embora esta situação ainda seja pouco comum.

Nesta categoria inclui-se também as empresas de *import-export*, intervindo como intermediários no consumo, ou seja, fornecedores dos estabelecimentos de retalho ou de restauração. Esta atividade económica permite que as empresas chinesas se relacionem entre si enquanto clientes e fornecedores mas, contrariamente às expectativas, têm um relacionamento com outras empresas chinesas complexo e abrangente. Aliás, um dos traços mais notáveis a registar neste contexto, é o número de operadores económicos com relações com empresas chinesas que operam em outros países da União Europeia (o estudo identificou Espanha, França e Itália como os mais importantes) essencialmente como fornecedores, o que sugere a existência de uma rede à escala europeia relativamente desenvolvida. Esta rede reflete relações privilegiadas de *guanxi* que, por sua vez, permitem aos empresários chineses em Portugal reforçar a sua competitividade através da obtenção de crédito comercial, de preços e condições de pagamento mais favoráveis.

b) Atividades que têm como clientes-alvo consumidores portugueses

Nesta categoria englobam-se as atividades económicas tradicionais dos imigrantes chineses na Europa, nomeadamente comércio a retalho, vulgarmente designado pela *loja dos trezentos*²¹ e a restauração.

É revelante tratar o comércio a retalho e a restauração separadamente pois, apesar de pertencerem ambas ao setor terciário, estas atividades têm evoluído de maneira diferente ao longo dos últimos vinte anos.

Comércio a retalho, *loja dos trezentos*

O comércio a retalho está fortemente presente em território nacional e no mercado europeu, e vem-se desenvolvendo rapidamente em resposta às mudanças de mercado e a diferentes tipos de consumidores, nomeadamente passando de dimensão relativamente familiar para grandes superfícies comerciais, de produtos com qualidade relativamente baixa para produtos de alta qualidade, etc.

²¹ Designação que significa “trezentos escudos” - moeda usada em Portugal antes do euro, que entrou em vigor em 11 países europeus em janeiro de 1999.

Restauração

A restauração é um setor tradicional dos imigrantes chineses em Portugal. Os restaurantes chineses marcam presença em quase todas as cidades do país. Foi a primeira opção de muitos imigrantes chineses quando chegaram a Portugal, porque exigia menos investimento financeiro e baixa qualificação profissional e comportava menor risco em relação a outros setores. No início dos anos 80, existia pouco mais de 20 restaurantes chineses em Portugal. Hoje este número aumentou para mais de mil, envolvendo no setor quase metade dos imigrantes chineses.

2.3 Os três pilares económicos dos imigrantes da primeira geração

2.3.1 Restauração – o negócio inicial em que se fundamentou o desenvolvimento contínuo da comunidade chinesa

Para os imigrantes chineses, abrir um restaurante tornou-se a maneira mais rápida e cómoda de conseguir os seus objetivos de imigração. Inicialmente, a restauração foi uma área de grande sucesso e este negócio inicial possibilitou o desenvolvimento contínuo da comunidade chinesa, por três ordens de razões: i) Baixo requisito financeiro para começar um negócio de restauração; ii) Não exigia formação ou conhecimentos específicos; iii) Era uma atividade económica em expansão.

Contudo, o setor tem assistido a mudanças drásticas ao longo dos últimos vinte anos, passando de um número reduzido de restaurantes para a existência de restaurantes em todas as esquinas. Para além disso, os restaurantes deixaram de servir apenas comida tradicional chinesa, para servir também comida japonesa ou até mesmo em estilo *buffet*. Paralelamente, verificou-se um fenómeno de serem vistos como restaurantes de “classe superior” para “restaurantes chineses”, e de bom para muito suspeito, após a “operação oriental” levada a cabo por várias autoridades

portuguesas em 2006. Em suma, este setor está a transformar-se gradualmente para responder às novas exigências dos consumidores, ao novo ambiente de concorrência, e à situação económica após a crise financeira de 2008.

2.3.1.1 O seu crescimento e desenvolvimento

O primeiro restaurante chinês foi fundado nos anos trinta, com o nome de «Restaurante Shanghai». Nos anos cinquenta, abriu porta o «Restaurante Macau», e só em 1966, surgiu o «Restaurante Chinesa» no Porto, considerado como o restaurante chinês mais antigo em Portugal, sem mudança de nome ou de gerência, operando há já mais de quarenta anos²².

Antes dos anos sessenta ou setenta, apesar dos restaurantes serem abertos por cidadãos de origem chinesa, a mão de obra era essencialmente portuguesa, quer ajudantes de cozinha, quer empregados da mesa ou mesmo empregados de limpeza. Naquele período, os restaurantes chineses eram semelhantes em tamanho e em comida servida: eram normalmente de pequena dimensão, com menos de 80 lugares, e funcionavam conjuntamente com *snack-bar* e *café* servindo pratos chineses das regiões Sichuan²³ ou Pequim. Com o sucesso de exploração desta atividade, o governo português decidiu criar uma linha facilitada de crédito dirigida aos imigrantes chineses que os ajudou a criarem o seu próprio estabelecimento, que mais tarde se extinguiu²⁴.

Nos anos oitenta, o primeiro fluxo migratório chinês intensificou a presença dos chineses em Portugal. Os restaurantes chineses começaram a utilizar mão de obra da própria etnia, trazendo familiares para Portugal. Assim, durante esta época os cozinheiros e trabalhadores de cozinha eram maioritariamente chineses, mas os empregados da mesa continuavam a ser portugueses. Houve também uma mudança

²² Informação obtida em <http://jzshen.blog.163.com/blog/static/2628053200791294624716/>, consultado no dia 3 de maio de 2012.

²³ Sichuan (四川) em chinês, *Sichuān*) é uma província da República Popular da China, situada na parte ocidental do país, cuja capital é Chengdu. A sua população é de cerca de 4,6 milhões de habitantes. Informação obtida em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sichuan>, consultado no dia 3 de maio de 2012.

²⁴ Informação obtida em <http://jzshen.blog.163.com/blog/static/2628053200791294624716/>, consultado no dia 3 de maio de 2012.

em relação à comida servida: os pratos tradicionais chineses foram adaptados e os menus foram mudados, para satisfazer ao máximo o paladar dos portugueses, surgindo por exemplo pratos com sabor mais ácido e mais forte. De acordo com dados não oficiais, no início dos anos 80, havia acerca de 20 restaurantes chineses em Portugal.

Citando um antigo dono de restaurante: “durante meio século antes dos anos noventa, esta atividade estava em fogo”. Durante este período próspero, os restaurantes existentes controlavam o mercado beneficiando da falta de oferta. Os restaurantes definiam os seus próprios preços, tendo sempre dois menus diferentes, um para os dias de semana, com preço diário, e um menu para feriados ou fins-de-semana com preços cerca de 50% superiores aos praticados durante a semana. Além dos menus, seguindo o consenso entre os donos, os restaurantes chineses aumentavam os preços duas vezes por ano, respetivamente no dia 1 de janeiro e no dia 1 de julho. Apesar disso, verificavam-se sempre longas filas à porta dos restaurantes chineses, à espera de um lugar para se apreciar os pratos orientais²⁵.

No início dos anos noventa, os restaurantes chineses atingiram um pico e surgiu, pela primeira vez, a tendência de estagnação no volume de negócios. No período de legalização extraordinária de 1992, os dados apontam cerca de dois mil imigrantes chineses, começando assim o primeiro passo para a saturação do mercado dos restaurantes chineses. Neste primeiro período de legalização extraordinária, tal como a primeira fase de saturação, ainda se possibilitava novas entradas e, apesar da estagnação do volume de negócios, ainda existiam lucros.

Em 1995, iniciou-se uma outra onda de imigração gerada pelo segundo período de legalização extraordinária, o que teve um impacto negativo no setor de restauração, uma vez que acelerou o processo de saturação de mercado. Segundo um antigo dono de restaurante chinês, já citado atrás, a partir de então os preços dos menus e pratos foram condicionados, deixou de se praticar o “menu duplo” e a contínua subida dos preços. Para fidelizar os clientes, começaram os primeiros sinais de competição e de concorrência. Por exemplo, aumentando as doses em cada prato: o

²⁵ Entrevista realizada no dia 23 de abril de 2012.

prato com mesmo preço passou a ter o dobro de quantidade. Com o aumento da dose e outras iniciativas de concorrência desleal os lucros diminuíam, apesar do volume de negócios se manter constante. Durante este período houve também uma expansão do tamanho dos restaurantes chineses: de menos do que 80 lugares, passaram a ter 100 e até mesmo 200 lugares. Assim, apesar da aparente expansão e uma maior quantidade de clientes, os restaurantes passaram a ter menos lucros e a sofrer de uma concorrência desleal e violenta.

2.3.2 A diversificação económica

2.3.2.1 Comércio grossista

Segundo várias entrevistas realizadas a proprietários chineses dos armazéns situados na zona de Lisboa, na Mouraria, e no Norte, em Varziela, foi possível tirar algumas conclusões sobre os primeiros passos dos comerciantes chineses em Portugal.

Em 1996, um grupo de comerciantes chineses escolheu Portugal como destino para legalizar a sua residência em países europeus. Depois de terem conseguido a legalização, decidiram criar raízes na Mouraria, Lisboa, arrendando vários estabelecimentos para começar os seus negócios. A opção pela comercialização a grosso de vestuário não foi obra do acaso. Pelo contrário, esta escolha estava já “definida” quando os primeiros chineses deram os primeiros passos na Europa. A cadeia e o sistema de compra e venda de vestuário desenvolvidos por eles foram posteriormente espalhados por todo o continente, incluindo Portugal. Com os primeiros estabelecimentos na Mouraria, abertos por comerciantes chineses experientes, desenvolveu-se um primeiro modelo de negócios que influenciou fortemente o empreendedorismo chinês até aos dias de hoje²⁶.

²⁶ Entrevista telefónica realizada no dia 26 de abril de 2012.

O comércio por grosso dos comerciantes chineses sofreu igualmente várias mudanças ao longo do tempo²⁷.

Em 1996, dois comerciantes chineses arrendaram estabelecimentos na Mouraria e começaram a venda por grosso de vestuário importado da República Popular da China. Com o decorrer do tempo, a maior concentração dos comerciantes e o maior volume de importações transformaram a Mouraria num centro de armazéns chineses. Hoje em dia, ao sair de estação de metro da Mouraria, facilmente se identifica que quase 90% dos estabelecimentos são ocupados por chineses e os restantes por indianos. Ainda em 1996, os negócios chineses estavam focados no vestuário, enquanto os indianos comercializavam aparelhos elétricos, utensílios de casa, comida e bebida, etc.

No ano de 2000, foram inaugurados armazéns com dimensões significativas nas periferias de Lisboa. Um comerciante experiente e bem conhecido na comunidade, chamado Chen Jian, tomou a decisão e arrendou o centro comercial situado junto à Mouraria. De seguida motivou vários comerciantes a criarem lojas neste centro comercial recém-arrendado. Com a sua experiência e persistência, o novo centro de negócios amadureceu e conseguiu competir com o velho centro comercial da Mouraria. O desenvolvimento e o sucesso dos dois centros comerciais fascinaram muitos outros empresários, conduzindo ao início de uma “era de ouro” na comunidade chinesa que correspondeu à entrada maciça de chineses no comércio retalhista e grossista.

Em 2002, Chen Jian fez outra aposta e criou outro centro de armazéns no Porto Alto chamado “Zhong Hua Men”²⁸. Neste centro de negócios, ele não continuou com o setor vestuário que conhecia um apogeu, apostando antes em bazares. Com o decorrer do tempo, este centro de 7.000m² e com 42 estabelecimentos, começou a dar frutos. Sendo um centro de vendas por grosso conhecido por toda a gente, atraiu consumidores de todo o lado e de todas as nacionalidades, comerciantes portugueses, negociantes indianos, etc., e o sucesso de “Zhong Hua Men”

²⁷ Informação obtida em <http://www.zhgp.com/crn-webapp/doc/docDetailCNML.jsp?docid=100512279>, consultado no dia 17 de maio de 2012.

²⁸ 中华门 ou *Zhōnghuámén* significa porta para a China.

rapidamente tornou o Porto Alto numa zona de sucesso, atraindo mais bazares com tamanhos bastante relevantes.

Em 2006, inaugurou-se o “Centro Ásia” em Chelas, tendo mais de 40 estabelecimentos iniciais e mais de 6.000m² de área. A abertura sucessiva de centros de negócios num espaço de tempo tão curto começou a gerar problemas, nomeadamente, a saturação de mercado e competição desleal, etc. Todos estes problemas ainda se verificam hoje em dia, mesmo ao nível de comércio a retalho, pois a maior parte dos comerciantes chineses possuem conhecimentos, *know-how* e *guanxi* semelhantes.

Este tipo de guerra foi evitado no espaço comercial de armazéns chineses da Varziela (Vila do Conde), que tem abastecido os negócios chineses a retalho do Centro e Norte de Portugal e da Espanha. Segundo um empresário chinês da zona industrial de Varziela²⁹, antes de 1997 houve no Porto apenas dois estabelecimentos chineses de venda por grosso, localizados no centro urbano do Porto, junto à estação ferroviária de São Bento. Naquela altura, o comércio por grosso era praticamente dominado pelos indianos.

Durante o processo de legalização extraordinária de imigrantes de 1997, muitos chineses deslocaram-se para Portugal para legalizar a sua permanência em espaço europeu, por conseguinte, o número de lojas chineses de venda por grosso no Porto aumentou para mais de uma dúzia e, lentamente, os indianos retiraram-se do mercado local.

Em 2001, os estabelecimentos chineses eram já mais de cinquenta, o que se traduziu em alguns obstáculos logísticos. O transporte de contentores importados da China e outros grandes volumes, por exemplo, era dificultado pelas ruas estreitas do centro do Porto. A falta de estacionamento quer para clientes, quer para cargas e descargas, causava igualmente inconvenientes. Para não prejudicar o negócio, os donos dos armazéns decidiram mudar para outro local mais adequado às necessidades do negócio.

²⁹ Entrevista telefónica realizada no dia 3 de maio de 2012.

Os fatores que estão na base da criação da área comercial da zona industrial da Varziela prendem-se com: os reduzidos preços de aluguer ou venda dos espaços comerciais; a facilidade de acesso ao porto de Leixões (local de receção de mercadorias vindas de barco quer dos portos da China, quer de portos marítimos de Espanha, Itália e França); a curta distância em relação ao Norte de Espanha onde se encontram armazéns de revenda de origem chinesa; a proximidade do Porto e outras cidades como Guimarães, Braga e Viana do Castelo, de grande densidade populacional e elevado potencial de consumo e a existência de vias de comunicação rápida e fácil (EN 13, IC1 e A28)³⁰.

No segundo semestre de 2007, o padrão do comércio chinês estava praticamente definido.

2.3.2.2 Comércio a retalho

Um outro pilar económico da comunidade chinesa em Portugal é o comércio a retalho de utensílios do dia a dia mas, ao contrário da restauração, o desenvolvimento deste setor económico depende do desenvolvimento da economia chinesa.

Como já foi oportunamente mencionado, o processo de legalização extraordinária de imigrantes estrangeiros em 1992 trouxe um grande número de chineses a Portugal vindos de outros países europeus nomeadamente da França, Bélgica, Suíça e Holanda. Esta numerosa concentração, apesar de ser revitalizante para a economia da comunidade chinesa na época, não deixou de significar uma forte concorrência para os chineses já estabelecidos em Portugal.

Sem capacidade linguística, os imigrantes vindos de outros países empregavam-se em pequenas empresas chinesas como restauração, mas o limitado

³⁰ Guimarães, Susana Raquel e Fernandes, José Rio, *O Comércio de Origem Chinesa e o Espaço Comercial da Varziela (Vila do Conde)*, Universidade do Porto, Porto, 2009, Informação obtida em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7693.pdf>, consultado no dia 21 de maio de 2012.

mercado de trabalho não foi capaz de absorver todos os novos imigrantes chineses. Assim, alguns dos recém-chegados começaram os seus pequenos negócios sazonais – 摆摊 (Bǎitān)³¹, montando barracas de vendas e comercializando produtos vindos da China em ruas mais movimentadas ou zonas turísticas. A persistência e a flexibilidade destes pequenos negócios fundamentaram a sólida base económica destes empreendedores, dando-lhes capacidade financeira para iniciarem estabelecimentos maiores e mais organizados que se espalharam por todo o território português – comércio a retalho em bazares, vulgarmente conhecidos como “lojas dos trezentos” ou “lojas dos chineses”. No início desta atividade, o baixo custo e a grande variedade de produtos fizeram com que estes estabelecimentos fossem populares entre os portugueses, garantindo assim clientes e a sobrevivência do negócio. Apesar da abertura e reforma económica do mercado chinês terem trazido grandes mudanças à economia da China, o mercado interno continuava em pobres condições e condicionou na época a rápida expansão desta atividade em Portugal.

Em 1996, um outro intenso fluxo migratório de chineses entrou em Portugal, impulsionando a rápida expansão do comércio a retalho. Comparativamente com os anteriores, estes novos imigrantes tinham em geral alta qualificação e provinham de faixas etárias mais jovens. Esta geração combinou a necessidade do mercado português e a oportunidade da abertura de mercado chinês ao mundo e desenvolvimento económico da China, criando com sucesso uma cadeia de fornecimento de produtos “Made in China”, desde a produção, importação até à sua distribuição. Os produtos mais procurados foram o vestuário, pequenos eletrodomésticos, ferramentas e bijuterias. A escolha destes produtos não foi por acaso. Quase duas décadas de abertura do mercado chinês atraiu bastantes investidores estrangeiros e a indústria chinesa expandiu-se rapidamente, produzindo em grande quantidade os bens para exportar, nomeadamente os produtos referidos acima. O sucesso do comércio a retalho também permitiu um maior crescimento no setor de comércio por grosso, onde eles abasteciam os bens, por consequência, surgiram zonas industriais chinesas na Mouraria (Lisboa) e na Varziela (Porto).

³¹ 摆摊 (Bǎitān) significa montar barracas em mercados, feiras ou na rua para mostrar e vender produtos.

Um outro fator que permitiu o rápido crescimento do setor foi um modelo de abastecimento criado por um comerciante chinês chamando Jianyun Liu. Em 2002, Jianyun Liu inaugurou o seu primeiro armazém grossista, com uma filosofia baseada na confiança e no desejo de ajudar os compatriotas, vendendo os seus produtos a crédito. Ou seja, os que queriam entrar neste setor podiam abastecer-se a crédito e pagar depois de vender os produtos. Este modelo de negócio permitiu que o investimento inicial da venda a retalho fosse quase nulo e o risco diminuiu, pelo que os chineses entraram em força neste mercado³².

Além dos fatores referidos até este ponto, aponte-se a abrangente operação de fiscalização conjunta nos restaurantes chineses a que se chamou “operação oriental”, realizada em 2006 por vários órgãos públicos portugueses, que acelerou igualmente o crescimento do setor do comércio a retalho. A extensa fiscalização incidu diretamente nos restaurantes chineses, conduzindo ao encerramento de muitos deles. Os antigos donos saíram do setor de restauração e apostaram no comércio a retalho ou comércio grossista, trazendo assim mais competição a estes setores.

2.4 Competição violenta e problemas surgidos dentro e fora da comunidade

Apesar do considerável sucesso económico conseguido pelos imigrantes chineses, ainda é prematuro concluir sobre a sustentabilidade e continuidade deste progresso económico. Um mercado saturado e a semelhança entre os estabelecimentos estão à prova este tipo de negócios. A semelhança dos estabelecimentos não se limita só aos produtos comercializados, estendendo-se à estratégia de marketing praticada e à analogia entre os comerciantes chineses a nível quer de qualificação, quer de experiência profissional. Portanto, o crescimento e a busca de lucros aluciantes num mercado saturado não deixam de criar incertezas e conflitos entre os concorrentes.

³² Informação obtida em <http://news.sohu.com/20070811/n251534681.shtml>, consultado no dia 2 de junho de 2012.

2.4.1 O caso da restauração chinesa

Neste contexto, analisemos com mais pormenor o setor de restauração, onde se pode identificar restaurantes de classe superior, restaurantes do tipo *buffet* ou *self-service* e, por fim, as cantinas ou restaurantes de *take away*.

a) Restaurante de classe

Este tipo de restaurante pretende concorrer ao nível de restauração nacional (portuguesa) e por isso aposta na qualidade do serviço e decoração do espaço, interior e exterior. O elevado investimento inicial garante a sua posição no mercado e, conseqüentemente, diminui possíveis concorrências que se verificam no setor. Apesar das vantagens, este tem também alguns desafios para superar, nomeadamente a dificuldade em encontrar um chefe de cozinha qualificado e competitivo; contratar empregados de mesa com formação adequada e com conhecimento de ambas as línguas, português e chinês. Um outro problema ainda maior é conseguir diminuir as suas despesas, mantendo o seu custo médio

b) *Buffet* ou *self-service*

Este tipo de restaurante requer um número reduzido de trabalhadores e tem uma forma de organização relativamente mais sistemática e simples. Os consumidores escolhem os pratos ou fazem combinações das comidas expostas à volta da cozinha, que é aberta (um tipo de cozinha onde os clientes podem supervisionar e inspecionar a higiene da comida/cozinha) por um preço fixo, que normalmente não inclui bebidas alcoólicas, e entregam-nas ao cozinheiro que as prepara. É de realçar que as comidas escolhidas pelos consumidores são previamente cozidas para aumentar eficiência do restaurante e diminuir o tempo de espera mas, por outro lado, este modo de preparação também diminui paladar dos pratos.

Em geral, este tipo de restaurante localiza-se em zonas periféricas pelo que apresentam superfícies de comercialização maiores do que os restaurantes tradicionais. Nos primeiros anos dos restaurantes *buffet*, estes tiveram um sucesso enorme devido à combinação de vários elementos favoráveis que são: cozinha aberta, onde os

consumidores têm a garantia de higiene e segurança alimentar; baixo custo médio uma vez que a mão de obra necessária é pouca; baixo preço, atraindo por isso bastantes consumidores o que aumenta os lucros. Atualmente, a saturação do mercado e comidas menos saborosas (devido à preparação prévia) não permitem ao setor continuar a crescer, verificando-se mesmo uma tendência de descida.

c) Cantinas ou *take-aways* dirigidas a pessoas de mesma comunidade

Este tipo de restaurantes concentra-se nos locais onde existe um grande fluxo populacional de origem chinesa. São normalmente pequenos em tamanho e servem comidas tradicionais chinesas. Para além de pressuporem um pequeno investimento inicial, não requerem elevado nível de qualificação, o que permite a entrada de novos concorrentes num mercado bastante limitado.

2.4.2 O caso de comércio

No caso do comércio retalhista e grossista, a concorrência é mais violenta. A semelhança de capacidades, de valores culturais e fornecedores idênticos fazem com que os comerciantes chineses comercializassem produtos muito próximos ou mesmo idênticos. A comercialização de bens idênticos num mercado bastante saturado e em tempos difíceis, por exemplo depois da crise financeira de 2008, gerou muita competição desleal no seio da comunidade. Sendo os produtos semelhantes, a concorrência reside no preço e no tamanho (superfície dos estabelecimentos).

Por outro lado, os grandes distribuidores portugueses constituem hoje uma forte concorrência para os chineses no setor de retalho pois, para além de comercializarem produtos idênticos, conseguem também vender a um preço mais reduzido uma vez que compram os produtos diretamente dos fabricantes na RPC.

Atualmente, a estratégia de baixo preço praticada pelos comerciantes chineses já não é sustentável, uma vez que o custo de mão de obra chinesa e as matérias-primas têm vindo a aumentar gradualmente. A situação que os empreendedores chineses

estã a enfrentar é ainda dificultada pela crise financeira mundial e a desvalorizaã do euro, que aumenta indiretamente os custos dos bens importados.

2.5 As soluões aplicáveis

2.5.1 Reformular o modelo de negócios existente

Neste cenário macroeconómico e para resolver os problemas existentes é necessário livrar-se de conceitos empresariais tradicionais, não seguindo a guerra de preços mas buscando a diferenciação de bens e serviços e maior flexibilidade por parte dos gestores chineses. No caso do setor da restauraão, apresentam-se várias recomendaões e possíveis soluões tais como³³:

a) Abandonar a oferta de “comidas chinesas adaptadas aos portugueses” e servir pratos originais e autenticamente chineses

A cozinha original e tradicional chinesa é requintada e de qualidade superior, no entanto, os pratos servidos em restaurantes chineses são confeccionados para se adequarem ao paladar dos portugueses. Num certo sentido, este tipo de adaptaão desvia ou mesmo degenera os pratos, que assim perdem a sua originalidade. Portanto, a aposta na cozinha tradicional chinesa pode ser uma nova saía e de sucesso.

b) Modernizaão

Melhorar as instalaões e a decoraão, aumentando a classe dos restaurantes, modernizar e uniformizar a gestã dos restaurantes.

c) Ser “verde”

³³ Informaão obtida em <http://wenku.baidu.com/view/6bcb183b5727a5e9856a618e.html>, consultado no dia 15 de junho de 2012.

O século XXI é um século verde, o que se reflete em novas preocupações ambientais e também alimentares. Os restaurantes podem combinar os seus pontos fortes com esta nova tendência, desenvolvendo pratos verdes e saudáveis. Isso pode pressupor a utilização de produtos agrícolas biológicos, pratos de baixas calorias, diminuição de utilização de sal, açúcar, e pratos de baixo nível de colesterol etc., rotulando os restaurantes chineses como restaurantes “verdes” que servem pratos “verdes”. O bom aproveitamento desta tendência garante uma posição no mercado, uma vez que esta tendência apresenta enorme potencial.

Semelhante ao setor de restauração, o negócio de venda a retalho da comunidade chinesa tem importantes pontos fracos como a restrita densidade dentro do setor, a maneira tradicional de organização que não permite um maior desenvolvimento e a falta de valor dos seus produtos, ou seja, falta de uma marca própria. Portanto, a única e mais segura saída passa pela comercialização em cadeia, criação de marcas próprias e expansão em escala, modernizando o método de organização e gestão, desenvolvendo uma imagem de empresa com responsabilidade social e cultural, atraindo e fidelizando assim os consumidores.

2.5.2 A exploração de novas áreas de negócios

Em nossa opinião, a fragilidade da economia portuguesa em relação à economia europeia é uma questão muito complexa que exige profundos estudos económicos. Mas, neste contexto, importa-nos analisar uma das razões da marginalização da economia portuguesa – abandono do setor primário, nomeadamente os setores agrícola e de silvicultura.

O desenvolvimento destes setores tradicionais pode não só tornar o país autossuficiente mas também diminuir a dependência externa e assim sucessivamente, acabando por ter um impacto positivo na balança comercial. Portugal possui 90.000 km² de área e quase 50% deste território possui terras aráveis. As condições geográficas e climáticas fazem com que as suas terras sejam férteis e favoráveis à

exploração agrícola. A zona Norte do país é mais montanhosa e chuvosa, e a zona Sul do país tem terras mais planas e beneficia de uma boa exposição solar. A proximidade do mar em ambas as zonas também tem uma contribuição positiva para a fertilidade das terras portuguesas.

Todavia, evidencia-se neste setor um baixo nível de rendimento que leva com que as pessoas não apostem nele, o que se traduz no envelhecimento da população agrícola ativa, abandono das terras agrícolas, e baixo nível de formação e qualificação profissional dos agricultores. Comparada com outros setores, a agricultura é um setor de atividade “esquecido”, com um peso pouco significativo no Produto Interno Bruto (PIB) português, sendo responsável por apenas 4% do mesmo em 2010³⁴.

A grande necessidade dos produtos agrícolas no país e a fraca produtividade leva a que os produtos agrícolas consumidos diariamente sejam em grande parte importados de países europeus, ou mesmo de outros continentes. Na nossa opinião, o desequilíbrio entre a necessidade e a oferta de produtos agrícolas pode ser uma oportunidade para os investidores chineses, não só porque a atividade agrícola é uma atividade por explorar e com alguma facilidade de sucesso, mas também porque representa uma alternativa para que os comerciantes chineses possam sair dos setores tradicionais em declínio como restauração ou bazares.

Em entrevista com alguns comerciantes-agricultores chineses existentes em Portugal, eles confirmam a possibilidade de perseguir esta atividade e serem bem-sucedidos, entre eles se inclui o Sr. Li, comerciante-agricultor chinês mais experiente e mais prestigiado na comunidade. Segundo o Sr. Li³⁵, o tamanho do mercado português para os produtos agrícolas é enorme o que, conjugando com a falta de oferta interna, faz com que seja de primeira necessidade para os responsáveis criar condições jurídicas, políticas ou outros meios necessários para um maior desenvolvimento do setor agrícola. Nestas circunstâncias, a aposta dos chineses neste setor de atividade coincidirá com os desejos governamentais, permitindo uma maior

³⁴ Informação obtida em <http://www.mofcom.gov.cn/aarticle/i/dxfw/jlyd/201202/20120207949030.html>, consultado no dia 17 de junho de 2012.

³⁵ Entrevista realizada no dia 24 de maio de 2012.

facilidade nos processos burocráticos e também na obtenção de crédito para exploração se este for necessário.

Em relação às condições climáticas, o Sr. Li também destaca o facto de Portugal ter muitas horas de exposição solar e grandes amplitudes térmicas que considera serem condições críticas para o crescimento dos produtos hortícolas, frutas ou flores no pomar. Apesar do longo período do crescimento dos produtos agrícolas e do ciclo do lucro, o investimento neste setor de atividade será mais pequeno do que o investimento exigido pelos negócios tradicionais chineses e pode beneficiar de apoios governamentais, o que aumenta a rentabilidade do investimento.

Atualmente, existe um número reduzido de comerciantes chineses a atuar neste setor, cultivando os produtos destinados ao consumo da própria comunidade chinesa, como por exemplo alho-porro, Tung Qwa³⁶, bucha³⁷, repolho verde, alface, etc. Estes produtos são distribuídos nos mercados chineses ou nos restaurantes chineses que têm como clientes-alvo pessoas da própria etnia. Ou seja, os produtores chineses existentes escoam o seu produto junto da comunidade chinesa em Portugal e não no mercado português. Neste sentido, os produtores chineses terão de reforçar a sua presença no mercado nacional, promovendo os seus produtos agrícolas junto da população portuguesa de maneira a alcançar um mercado maior e mais consumidores.

Além da agricultura tradicional, a agricultura biológica está a ganhar cada vez mais espaço no mercado, os comerciantes chineses podem beneficiar da tecnologia de ponta existente na União Europeia, reforçando ainda mais os seus investimentos e criando outros possíveis pilares económicos chineses. Tendo em conta os pontos referidos anteriormente, a entrada no mercado agrícola por parte dos empreendedores chineses além de poder ser um ponto de viragem para a comunidade chinesa em Portugal, pode também ser muito favorável ao próprio país.

³⁶ Também chamado *Wax Gourd* ou *White Gourd* em inglês, é um tipo de vegetal de rápido crescimento e longa temporada, cujas frutas podem ser armazenadas em lugar fresco durante vários meses e usadas mais tarde no verão, adquirindo assim a designação Tung Qwa, que significa “melão de inverno” em chinês.

³⁷ Bucha (planta) é uma trepadeira alta da família das cucurbitáceas, do género *Luffa*. Possui folhas palmatilobadas, flores amarelas, frutos verdes semelhante ao pepino e comestíveis.

É importante realçar também que, sendo Portugal um Estado-membro da União Europeia, ter uma visão estratégica pode ser fator importante de sucesso, olhando não só para o mercado nacional mas para um mercado comum europeu, exportando os produtos agrícolas para outros países membros ou mesmo para o resto do mundo.

Capítulo III

O Associativismo da Comunidade Chinesa em Portugal

3.1 Introdução

A comunidade chinesa em Portugal tem conhecido um crescimento notável. A revolução de 1974, com a consequente descolonização, marcou a chegada de um contingente expressivo de chineses que antes viviam nas ex-colónias, designadamente em Moçambique.

A partir da década de oitenta, especialmente impulsionado pelo regresso de Macau à tutela da China e a política de abertura do país, regista-se uma segunda onda migratória quantitativamente mais expressiva, com características muito diferentes a vários níveis, tais como o ponto de partida, os objetivos e o nível de escolaridade. Esta constitui uma comunidade muito distinta da que veio das ex-colónias portuguesas, em termos de profundidade de inserção na sociedade de acolhimento. Sem grande margem de erro, pode afirmar-se que a esmagadora maioria (mais de três quartos dos novos imigrantes chineses) é proveniente de uma mesma zona da China, a província de Zhejiang³⁸.

Com a chegada dessa segunda onda migratória, o fenómeno do associativismo tornou-se mais dinâmico durante a década de 80. A primeira associação a ser criada, e que marcou o arranque do fenómeno do associativismo chinês em Portugal, foi a Associação Luso Chinesa em Portugal, com sede no Algarve (Albufeira), constituída em 1990 por quatro empresários chineses radicados no Algarve: três originários da RPC e um originário de Moçambique. Durante a década de 90 o número de Associações cresceu rapidamente, atingindo hoje cerca de 16 organizações (Quadro 1).

As associações seguem um padrão relativamente constante, tendo as suas funções sobretudo a ver com a ajuda mútua, os interesses económicos e a dinamização cultural e recreativa. Mas não só. Estas associações também exercem funções que extravasam as que são tradicionalmente cometidas às associações voluntárias de imigrantes, nomeadamente concerne ao papel que desempenham na relação com as instituições e estruturas oficiais do país de acolhimento, procurando estabelecer e dinamizar contactos com os poderes administrativos, legais, políticos e económicos,

³⁸ Cf. Francisco Lima da Costa, “O Contributo das Associações para a Migração: O Caso da Comunidade Chinesa em Portugal” em *Revista da Administração Pública*, vol. XV, Macau, 2002, n.º 2, p. 671.

endereçando, por exemplo, convites para acontecimentos culturais ou recreativos, ou convidando personalidades portuguesas como sócios consultores ou honorários³⁹.

Quadro 1 - Levantamento das associações e data de constituição

Associações Chinesas	Data de Constituição
1. Associação de Comerciantes e Industriais Luso-Chinesa (Lisboa)	Década de 90
2. Associação Industrial e Comercial dos Chineses em Portugal (Porto)	1994
3. Associação Luso-Chinesa em Portugal	1990
4. Associação Luso-Chinesa do Porto	1992 (desativada a partir de 1997)
5. Associação de estudantes Chineses do IST	Década de 90
6. Associação Budista	1997
7. Associação dos Conterrâneos de Wenzhou	Década de 90
8. Liga do Chineses em Portugal	1997
9. Associação dos Artistas Luso-Chineses	Década de 90
10. Associação Cristã dos Chineses	Década de 90
11. Associação dos Conterrâneos de Fukien ⁴⁰	Em projeto
12. Associação das Senhoras Chinesas	Década de 90
13. Associação Comercial e Cultural da China	Início dos anos 80
14. Associação para a Unificação Pacífica China-Taiwan	1999
15. Associação Multi-Secular Amizade Portugal-China	Década de 80
16. Associação Cristã	Década de 90

Fonte: Francisco Lima da Costa, *ob. cit.*, p. 673.

³⁹ Cf. Francisco Lima da Costa, *ob. cit.*, p. 672.

⁴⁰ Fukien ou Fujian (福建 em chinês, *Fújiàn*) é uma província na costa sudeste da China continental.

3.2 As três principais associações

Importa salientar que existem, entre estas organizações enumeradas, três associações que se distinguem pela sua influência⁴¹:

A **Associação Luso-Chinesa em Portugal** foi criada em 1990 com cerca de 60-80 associados, opera no Algarve e região sul do país, atualmente com sede em Albufeira.

A Associação tem fundamentalmente objetivos socioculturais, desde logo por organizar o ensino da língua chinesa e também as festividades do Ano Novo Chinês. Contudo, paulatinamente, começou também a prosseguir objetivos empresariais, envolvendo mecanismos de entreaajuda e apoio a empresários com dificuldades económicas, organização de visitas de negócios de empresários chineses a Portugal, organização e participação em visitas de empresários chineses de Portugal e outros países europeus à China, envolvimento nos programas das viagens oficiais de membros do Governo chinês a Portugal e vice-versa.

A **Associação de Comerciantes e Industriais Luso-Chinesa** foi criada em 1997, com sede em Lisboa (Algés), tendo por área de operação essencialmente a Grande Lisboa - que representa quase 90% dos associados -, Setúbal e parte da zona Centro.

A Associação tem essencialmente objetivos empresariais em duas áreas prioritárias. Em primeiro lugar, apoia o estabelecimento de empresas chinesas em Portugal e dá igualmente apoio em matérias de legislação sobre imigração que afetam a possibilidade de contratação de trabalhadores da China. Por outro lado, a associação promove contactos de intercâmbio entre os associados e empresários da RPC com vista à concretização de negócios particularmente na RPC. No entanto, também tem algumas atividades culturais relacionadas com a organização de eventos

⁴¹ Cf, Rocha-Trindade, Maria Beatriz, Neves, Miguel Santos e Bongardt, Annette, *Comunidade de Negócios Chinesa em Portugal. Catalizadores da Integração da China na Economia Global*, INA – Instituto Nacional de Administração, Oeiras, 2006, pp. 133-134.

particularmente significativos para a comunidade chinesa, como as festividades do Ano Novo Chinês.

Já a **Liga dos Chineses em Portugal** foi criada em 1997 e corresponde a uma mini-federação de associações de naturezas distintas, com sede no Porto, cuja área de intervenção é fundamentalmente a zona Norte.

Para além de sócios individuais, integram a Liga outras três associações: uma de natureza económica-empresarial, a Associação Comercial e Industrial dos Chineses em Portugal; outra de natureza cultural, a Associação dos Artistas Chineses; e uma terceira de natureza política, a Associação para a Promoção da Paz e a China Única, com cinco membros, cujo objetivo essencial é a promoção e apoio político à reunificação da RPC com Taiwan.

A Associação Comercial e Industrial tem oito sócios e um total de 22 empresas e as suas funções envolvem a promoção de contactos com empresários da RPC, a organização de visitas de negócios e a receção a delegações provenientes da RPC.

3.3 A Associação Cristã dos Chineses e o seu desempenho na própria comunidade

Embora não seja uma associação com grande presença e relevância na comunidade chinesa, neste capítulo não deixa de ser importante referir que existe hoje em dia uma organização de natureza religiosa, que também desempenha um papel muito ativo e positivo para a própria comunidade. A sua relevância traduz-se no facto de atuar como fonte de apoio espiritual e material para os chineses em Portugal, organizando ainda bastantes atividades nos festejos anuais e desempenhando um papel quer na assistência social, quer em doações.

A Associação Cristã dos Chineses regista uma maior presença nas cidades com grande número das pessoas de etnia chinesa, existindo, já na grande Lisboa, cinco igrejas chinesas. Nessas igrejas cristãs, o culto de domingo normalmente inclui cânticos monótonos, adoração, oração e canto. Todas as tardes dos domingos, os crentes chineses juntam-se no local e participam no culto semanal. Entre os crentes, há trabalhadores dos restaurantes ou armazéns, empresários independentes, donos das grandes empresas, ou mesmo estudantes em busca de sabedoria. O mesmo também é organizado mensalmente na região sul do país e no Porto Alto.

Um inquérito realizado no âmbito desta pesquisa, em Lisboa (cf. Anexo I), mostra que entre todos os inquiridos mais de 95% pertence a uma faixa etária entre os 18 anos e os 45 anos e que existem mais homens (70%) do que mulheres (30%). A maioria dos inquiridos (56%) reside em Portugal há entre 1 e 5 anos.

Apesar de 70% dos inquiridos terem amigos e familiares em Portugal, 60% deles afirmaram que, de vez em quando, se sentiam stressados, deprimidos ou sozinhos, enquanto 20% passavam por estes sentimentos frequentemente. Os principais motivos apontados são a longa distância entre o país acolhedor e a terra natal (22%); falta de comunicação e companhia de familiares, amigos ou namorados (20%); falta de atividades recreativas (15%); desconhecimento da língua portuguesa que resulta em dificuldades tanto na vida quotidiana como no trabalho (12.5%), etc.

Quadro 2 – Motivos porque os imigrantes chineses se sentem “stressados, deprimidos ou sozinhos”

Descrição	Percentagem
Distância da terra natal	22%
Falta de comunicação e companhia dos familiares e amigos	20%
Falta de atividades recreativas	15%
Barreira linguística, causadora de dificuldades quotidianas e no trabalho	12,5%
Diferenças culturais	9,5%
Outros	21%

Fonte: Inquérito 1 (em anexo) sobre a importância da Associação Cristã para a comunidade chinesa em Portugal.

Antes de entrarem em Portugal, os crentes representavam apenas 5% de todos os questionados e passaram para 15% depois da imigração, enquanto os descrentes descem de 45% para 35%, e aqueles que ficam no meio passam de 15% para 25%. Dos crentes questionados, 30% declarou pertencer à Associação Cristã, metade destes em busca de ajuda espiritual ou material das igrejas, 25% pretendem criar relações pessoais (conhecer novos amigos ou possíveis namorados) através das atividades realizadas pelas igrejas, 17% procuram um bom ambiente para educar os seus filhos e 7% querem aceder a serviços gratuitos como por exemplo aulas de português, informações de trabalho, ajuda em empreendedorismo, etc.

Com base nos dados obtidos através do inquérito, é possível concluir que a Associação Cristã dos Chineses tem a sua influência profunda na comunidade chinesa. Face à integração na sociedade portuguesa, a comunidade chinesa ainda enfrenta um conjunto de problemas incontornáveis como por exemplo a longa distância entre o país acolhedor e o seu país natal, diferenças entre as duas culturas gerando um “*cultural shock*”, e ainda uma diferença nos valores, quer de nível étnico quer de nível cultural. Tudo somado, os imigrantes chineses são alvo de derrotas e revezes, que os tornam mais vulneráveis a flutuações emocionais, como o *stress*, a solidão e/ou ansiedade. Em casos mais graves, pode levar o sujeito a um colapso mental.

A existência destes problemas explica a procura das igrejas cristãs chinesas enquanto fonte de apoio espiritual e um refúgio para os problemas. Através de religião, encontram uma tranquilidade e um alívio para a vida stressada. Por outras palavras, a fé é uma força que os leva a acreditar e a continuar a sua luta em Portugal.

Os imigrantes mais recentes apresentam uma fraca perceção ou mesma nula quanto à religião. Após a sua chegada a Portugal, intrigados e curiosos por este novo contexto religioso, conjuntamente com as más condições de vida, os chineses podem sentir vontade de pertencer a uma religião. Para estes imigrantes, ir à missa ou participar num culto de domingo é mais um refúgio para uma vida carregada ou possível “networking” com os compatriotas, do que propriamente um ato religioso com um tom solene e sagrado. Através das igrejas cristãs conhecem-se novos amigos, livrando-se, pelo menos em parte, da solidão e ansiedade. Também existem casos em

que os novos amigos conhecidos na igreja apoiam a criação de um estabelecimento próprio ou ajudam a encontrar um trabalho.

3.3.1 Função das igrejas na comunidade

Plataforma social

É frequente os imigrantes chineses recém-chegados a Portugal terem dificuldades em comunicar usando a língua portuguesa, e o facto de viverem em zonas dispersas dificulta a comunicação e a ligação entre a sua comunidade. Assim, as atividades organizadas semanalmente fazem com que a comunicação seja mais frequente e possível, mantendo-os em contacto com a comunidade chinesa, funcionando como uma plataforma onde podem trocar informações, partilhar as experiências, discutir as opiniões, etc., criando preciosos laços de amizade.

Assistência social

Com a deslocação de um país para outro, o modo de vida também muda. Neste caso, com a diferença do modo de vida no país de acolhimento em relação ao país de origem, os recém-chegados ficam desapontados e sentem-se relutantes, precisando de que os acalme e ajude, especialmente quando se defrontam com problemas ou insucessos. Perante esta situação, as igrejas servem como um “lar” onde se podem expressar os problemas e assim obter ajuda para os resolverem. De acordo com as entrevistas realizadas a alguns crentes, existem inúmeros casos de imigrantes chineses a receberem apoio financeiro proveniente das igrejas.

Prestação de serviços

A maior facilidade de angariação de dinheiro possibilitou às igrejas rendimentos abundantes e estáveis. Tendo a fonte financeira garantida, as igrejas conseguem fornecer uma ampla variedade de serviços à comunidade chinesa, como por exemplo o ensino da língua portuguesa, ajuda na procura de emprego, troca de informações para venda/arrendamento de casa e organização de atividades para os jovens chineses, nomeadamente campos de férias e/ou encontros para os jovens.

A Bíblia como uma “educadora”

Para compensar a falta das disciplinas específicas de educação moral e cultural, as famílias chinesas, crentes e não crentes, encorajam os seus filhos a frequentarem as igrejas e estudarem a Bíblia, pois acreditam que uma criança criada num ambiente solene é mais educada e culta.

Capítulo IV

A Integração na Sociedade de Acolhimento
por Parte da Comunidade Chinesa

4.1 Introdução

Entre os imigrantes chineses que vivem em Portugal, existe um subgrupo de descendentes chineses que estão profundamente integrados na sociedade portuguesa. Eles provêm da província de Cantão e são antigos imigrantes chineses em Moçambique que se mudaram para Portugal nos anos 70, depois da guerra colonial. Durante largos anos de permanência na antiga colónia portuguesa, os chineses imigrados de Moçambique tinham passado por um processo contínuo de aproximação e de identificação em relação à língua e à cultura portuguesas, por isso, não sentiram muitas dificuldades de integração à chegada a Portugal.

Atualmente, entre estes descendentes existem indivíduos envolvidos em funções públicas e com estilo de vida tipicamente “português”. Quase 40 anos de vida em território português faz com que eles sejam rotulados como “portugueses autênticos” e não “descendentes chineses”. Esta distinção também se reflete nos seus pensamentos e valores culturais. Como os seus antepassados saíram da República Popular da China em tempos antigos e viveram em outras terras não-chinesas, as gerações seguintes são instruídas de maneira não-chinesa e conseqüentemente têm valores e pensamentos diferentes de um típico imigrante chinês.

Os chineses que vieram para Portugal depois da década 80 do século XX têm mais dificuldades em integrar-se na sociedade portuguesa. De acordo com um inquérito realizado, este grupo de imigrantes chineses tem um nível bastante baixo de inserção. Embora quase três quartos dos questionados tenham contactos frequentes com os portugueses, a grande maioria só se associa com os portugueses por necessidade de trabalho e estudo, enquanto muito poucos fazem amigos entre os portugueses como parte de vida quotidiana.

Apesar de não serem muitos os casos em que os imigrantes chineses se sentem discriminados, apenas 17% dos questionados consideram os portugueses amigáveis e inclinados a associarem-se com os chineses, 36% admite que os portugueses são educados mas preferem manter uma certa distância e 47% acusam os portugueses de serem preconceituosos e partilharem certos estereótipos sobre a comunidade chinesa.

São os preconceitos e discriminações as dificuldades mais confrontadas pelos chineses (54%), não obstante a linguagem, a cultura e os hábitos alimentares também constituem entraves importantes da vida dos imigrantes.

Quadro 3 – Principais dificuldades sentidas no país de acolhimento

Descrição	Percentagem
Racismo / preconceito	54%
Barreira linguística	52%
Choque cultural	35%
Gastronomia diferente	21%

Fonte: Inquérito 2 (em anexo) sobre o nível de integração da comunidade chinesa na sociedade local.

Atenção: Ordenar as dificuldades por ordem de importância (da percentagem maior para a menor)

O inquérito revela ainda que 7% dos investigados nada sabem do português e 70% dominam suficientemente a língua para satisfazer as necessidades básicas da vida, mas sublinhe-se o facto de que a maioria pouco se relaciona com os portugueses fora do local de trabalho. Os dados do questionário revelam que os imigrantes chineses têm maior interesse em interagir com pessoas da mesma etnia, onde a comunicação e a identidade cultural é facilitada. Refira-se ainda que 30% dos inquiridos afirmam ter interações constantes com os portugueses e manter um relacionamento sólido e contínuo, outros 36% mencionam contactos com os portugueses mas explicam que este contacto é mais ao nível de cortesia e de boa educação. O restante um terço (1/3) do universo de inquiridos apresenta ideias mais conservadoras pois apenas interagem com os portugueses se for necessário e se a situação se justificar.

Contudo, mesmo dentro da comunidade chinesa também se apresentam diferentes níveis de inserção. Os chineses que imigraram para Portugal em idade adulta têm bastantes dificuldades em se inserirem socialmente na comunidade portuguesa. A barreira do português, que não dominam (muitos mesmo após longos anos em Portugal), é um grande entrave para a socialização e aculturação.

As crianças e adolescentes que vêm com os pais para Portugal em idade escolar têm, também muito devido à barreira linguística, um período longo e difícil de adaptação, quer em termos escolares quer sociais. Mas muitos destes, muito provavelmente dependendo da idade com que vieram, acabam por se inserir melhor do que os seus pais na sociedade portuguesa.

Os chineses de segunda geração parecem inserir-se bastante bem na comunidade portuguesa, fazendo parte de grupos de amigos de outras comunidades. Mas tendem a manter por iniciativa própria e por incentivo de família os valores da comunidade chinesa e o sentimento de fazer parte dessa comunidade.

4.2 As causas do baixo nível da interação social por parte da comunidade chinesa

O facto da comunidade chinesa em Portugal ser fechada pode ser atribuído a vários factores entre os quais, do meu ponto de vista, se destacam dois grandes factores, a saber, o espírito de ajuda mútua e a barreira linguística.

Em primeiro lugar, é natural que os imigrantes chineses se juntem porque têm a mesma raiz étnica, podem comunicar na sua língua materna, manter a tradicional maneira de viver, aceder à rede social para apoio e ser representada politicamente. Como a reunião familiar é o método predominante para os imigrantes virem para Portugal, podemos dizer que, efetivamente, a lei promove a agregação. Dada a forte presença das redes de *guanxi* e o espírito tradicional do povo chinês de ajuda mútua, é natural e suficiente procurarem apoio e assistência da sua comunidade étnica neste processo de adaptação, por conseguinte, não sentem urgência na integração com os portugueses e outros grupos étnicos.

Em segundo lugar, a falta de capacidade de comunicar na língua portuguesa impede indubitavelmente o processo de integração social e económica da comunidade chinesa na sociedade acolhedora. Vários factores podem ser responsáveis pela falta de

proficiência linguística. Um deles é a concentração dos imigrantes chineses, que partilham a língua mãe no local de trabalho ou no bairro onde a necessidade de interação profissional e social pode ser satisfeita apenas pela sua língua nativa, o que desincentiva a aquisição da língua portuguesa. Mas outros fatores podem, involuntariamente, dificultar a aprendizagem da língua. Alguns mais comumente reconhecidos têm a ver com a educação, o sexo, as crenças religiosas e culturais, o nível de rendimento e o horário de trabalho dos imigrantes. Por exemplo, a maioria dos imigrantes chineses têm um nível de educação muito baixo, o que pode constituir um entrave na aprendizagem de novas línguas.

Importa referir ainda que a atitude assumida pelos cidadãos do país acolhedor em relação aos imigrantes chineses agravou a exclusão sentida pelos chineses, que são muitas vezes alvo de discriminação. Sentem um clima hostil porque vieram ocupar o setor das atividades comerciais que lhes traz lucros consideráveis e são vistos como uma ameaça para o comércio tradicional português, porque praticam preços muito baixos.

A maneira fechada de ser do povo chinês também constitui um fator decisivo para uma conjuntura de desconfiança e de mal-estar relativamente à comunidade chinesa. No ano de 2006 começou a surgir todo o tipo de boatos, divulgados na internet, por e-mail, que acusavam os restaurantes chineses de extrema falta de higiene e aconselhavam as pessoas a não irem lá, ao mesmo tempo que surgiam boatos ainda mais graves: porque havia muito poucos registos de mortes de imigrantes chineses junto de qualquer autoridade pública portuguesa e muito raramente se ouvia falar de funerais dos chineses, houve quem sugerisse que os corpos eram comidos e a prova apontada era o facto de nos restaurantes chineses os bocados da carne serem tão pequenos que não se distingue a qualidade nem a raça do animal.

Um outro boato que foi difundido estava relacionado com a suposta ocorrência de raptos em lojas de produtos chineses que visavam a extração de órgãos destinados ao tráfico dos mesmos.

Estes boatos anónimos foram considerados crime pela Comissão para a Igualdade e contra a Discriminação, que apresentou uma queixa junto a Procuradoria-

Geral da República e pediu esclarecimentos à Polícia Judiciária (PJ) e à Polícia Segurança Pública (PSP) que desmentiram os rumores. A PJ confirmou que não foi registada qualquer ocorrência respeitante a situações de raptos ou sequestros em lojas chinesas e a PSP veio a público dizer não ter recebido qualquer denúncia relacionada com a prática desse tipo de crime⁴². Contudo, apesar dos desmentidos das autoridades portuguesas, os rumores e calúnias maliciosas com intuito racista e xenófobo de estigmatização dos cidadãos de nacionalidade chinesa, pretendendo impedir o legítimo exercício das suas atividades comerciais, fizeram com que o clima discriminatório se acentuasse.

Um cozinheiro chinês no Porto foi, infelizmente, uma vítima de tais rumores sem fundamento. No ano de 2008, ele foi acusado de raptar uma menina portuguesa no Porto. De acordo com entrevista que ele concedeu no âmbito desta dissertação, na noite em questão, quando ele saiu do trabalho, encontrou a filha mais nova do vizinho a brincar com os seus irmãos. Ele cumprimentou-a com simpatia mas a criança teve uma reação hostil e ofensiva, gritando-lhe: “chinoca, vai, vai”. Depois, a mãe da menina saiu da casa e bateu-lhe. Como não sabia falar português, ele não conseguiu explicar a situação e defender-se.

No dia seguinte, embora a investigação ainda estivesse a decorrer e não tivesse sido condenado pelo tribunal, um jornal local publicou uma notícia muito enganadora, colocando a foto dele junto à foto da menina inglesa Madeleine McCann, que desapareceu em Portugal em 2007, e uma dum outro sequestrador. A verdade é que a acusação nunca foi provada. A investigação demorou quatro anos até julho de 2012 quando o Tribunal S. João Novo, à luz do resultado da investigação e das audições de testemunhas, considerou o arguido inocente.

Na conversa com ele, disse-me que tinha sofrido muito devido à acusação injusta, perdera o emprego e fora torturado por imensa pressão mental, chegando a um estado tal de desespero que pensou mesmo em suicídio. Foi-me ainda explicado que a acusação não lhe foi dirigida por mera má sorte, tendo muito a ver com a circulação dos rumores dos chineses sequestrarem pessoas para roubarem órgãos humanos. Os

⁴² Informação obtida em <http://www.tvi24.iol.pt/noticia.html?id=75473>, consultado no dia 8 de agosto de 2012.

portugueses ficaram muito alerta e susceptíveis sempre que surgiu qualquer perturbação em relação aos chineses.

4.3 Iniciativas para promover a integração social

De acordo com o Conselho da União Europeia, a integração é um processo dinâmico e contínuo de adaptação mútua, e não um resultado estático. O processo de integração implica a adaptação dos imigrantes, homens e mulheres, todos tendo direitos e responsabilidades em relação ao seu novo país de residência. Também envolve a sociedade de acolhimento, que deve criar as oportunidades de participação completa: económica, social, cultural e política dos imigrantes⁴³.

4.3.1 Papel do Governo e dos serviços públicos no processo da integração

A um nível estatal, é de responsabilidade do governo desenvolver e implementar uma política de integração bem-sucedida, que estimule a participação dos imigrantes tanto na esfera pública como privada. Por exemplo, muitos imigrantes ilegais encontram-se em situação clandestina com mobilidade limitada por causa da sua situação não documentada, prejudicando assim a integração que iria ser promovida por uma política nacional que proporcionasse à população em situação irregular um caminho de reconhecimento conducente à legalização.

É de grande importância que as instituições governamentais introduzam programas adequados e que facilitem o processo de integração como o conhecimento básico da língua e cultura da sociedade de acolhimento, que são indispensáveis para a integração. Um bom exemplo é o programa *PPT-Português Para Todos*, promovido pelo ACIDI - Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, que oferece

⁴³ Informação obtida em <http://www.enaro.eu/dsip/download/eu-Common-Basic-Principles.pdf>, consultado no dia 10 de agosto de 2012.

cursos de português gratuitos aos estrangeiros, com a intenção de facilitar-lhes a integração na sociedade e no mercado de trabalho⁴⁴.

Outras medidas aplicáveis envolvem investimentos em obras públicas com o objetivo de elevar o nível de conforto e bem-estar económico em bairros degradados, garantir o sentimento de segurança, e melhorar as condições de espaço público. Aponte-se, neste contexto, o projeto de regeneração da zona Martim Moniz, um tipo de *Chinatown* em Lisboa onde se concentram muitos comércios chineses de venda, que foi, durante muito tempo, mal visto pela sujidade e insegurança de toda aquela área. Com o arranque do projeto, em junho de 2012, a praça do Martim Moniz vai receber restaurantes multiculturais, uma esplanada com capacidade para 300 lugares sentados, um “mercado de fusão” e um espaço cultural. Embora a ambição principal do projeto seja revitalizar a zona, construindo “uma cidade nova dentro da cidade”, ou seja, é mais focado na urbanização da cidade do que na integração social dos imigrantes, a iniciativa contribuirá para levar mais gente àquela zona, para a mistura de etnias e cruzamentos culturais, o que certamente terá alguma repercussão ao nível da interação efetiva dos chineses⁴⁵.

4.3.2 Esforços por parte dos imigrantes chineses

Respeito pelas leis, regras e valores do país acolhedor

Integração implica respeito pelos valores básicos, a lei, as tradições e os princípios morais da sociedade acolhedora, por isso, é indispensável os imigrantes chineses adaptem-se, observarem os preceitos da lei portuguesa e contribuam o mais possível para a sociedade local, porque tais atos podem ajudar a estabelecer confiança mútua entre as duas partes o que, obviamente, favorece a integração social.

⁴⁴ Informação obtida em www.acidi.gov.pt/es-imigrante/servicos/portugues-para-todos/, consultado no dia 10 de agosto de 2012.

⁴⁵ Informação obtida em www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=2598213&seccao=Sul, consultado no dia 10 de agosto de 2012.

A comunidade chinesa é bem pacífica e raramente causa confusões ou problemas sociais mas, por outro lado, não é segredo que os chineses, sejam empresários ou trabalhadores por conta de outrem, pagam impostos e remunerações de segurança social mais baixos do que convém. Isto é o valor do salário fixado em contrato de trabalho, normalmente o salário mínimo, é muito inferior ao que realmente recebem. Isto gera desconfiança e prejudica a imagem dos chineses aos olhos dos portugueses. Por isso, se os chineses deixarem de explorar brechas legais para conseguir evasão fiscal, contribuirão mais para a sociedade acolhedora e isto facilitar-lhes-á a integração.

Aprendizagem da Língua

Nesta era de grande concorrência, a capacidade de comunicação tornou-se elementar e crucial para a sobrevivência. Uma comunicação efetiva não só permite uma expressão mais fluente como melhora também as aspirações profissionais, aumentando os contactos sociais e a participação política.

Conscientes da importância da capacidade de comunicar, que não só permite que os imigrantes chineses se expressem mas também influencia as suas aspirações profissionais, contactos sociais e participação política, os imigrantes chineses devem evoluir na aprendizagem de língua de muitas maneiras diferentes. Há aulas formais, como os cursos livres de aprendizagem da língua realizados nas universidades e os cursos gratuitos oferecidos pelo ACIDI. Algumas organizações da comunidade chinesas também dão aulas de língua portuguesa em horários compatíveis com o dos trabalhadores chineses. Há também maneiras informais de aprendizagem, através de interação no trabalho e pelos meios de comunicação de massas. Os chineses devem comunicar com os clientes portugueses tão frequentemente quanto possível e expor-se à informação veiculada pela televisão, internet e jornais.

Educação

A educação, da pré-escola até a universidade, desempenha um papel especialmente importante no processo de integração dos imigrantes, sendo especialmente crucial para os seus descendentes. A escola ajuda-os a adquirirem o

domínio da língua portuguesa, conhecimentos académicos sobre a história e valores do seu novo país de residência e qualificações profissionais. Para muitos imigrantes, a educação escolar oferece uma plataforma de contacto estreito e frequente com os portugueses e os membros dos outros grupos étnicos e fornecem-lhes matéria-prima para que eles fiquem melhor preparados para construir uma nova vida no país anfitrião.

Mas como referido anteriormente, a atual comunidade chinesa constitui-se maioritariamente por imigrantes que vieram da província Zhejiang com um nível baixo de educação e que se dedicam aos três setores principais de restauração, comércio a retalho e por grosso, que exigem pouca qualificação profissional. O sucesso conseguido pela primeira geração levou a que muitos pais desvalorizassem a educação escolar dos seus descendentes. Esta subvalorização, conjuntamente com as dificuldades sentidas pelos filhos chineses, leva muitas vezes à desistência da escola. Os problemas mais comuns são a barreira linguística e o sentimento de serem discriminados.

Muitos jovens chineses deixam a escola quando ainda estão no liceu para ajudarem os pais, por isso, poucos concluem o 12º ano e muito menos têm a oportunidade de continuar a estudar na universidade. Portanto, um passo importante da integração é de facto a educação. Para conseguirem um maior nível de integração, os imigrantes chineses terão de reavaliar os valores de educação e de qualificação profissional pois, através do ensino, os seus filhos participarão diretamente no mercado português e no quotidiano dos portugueses, podendo assim começar uma nova etapa de integração que será levada a cabo pelos filhos dos chineses.

Participação cívica

A integração é um processo que ocorre principalmente a nível local. A frequência e a qualidade de interação e intercâmbio entre os imigrantes chineses e os portugueses e outros grupos étnicos são elementos-chave para uma maior integração. Há muitas maneiras para incentivar esta interação. Um aspeto importante é estimular o diálogo intercultural, espaços comuns, e as atividades em que os imigrantes interagem com outros povos que vivem em Portugal, apostando ainda na educação

sustentada da sociedade de acolhimento sobre a história, a tradição e a cultura dos imigrantes chineses.

Por um lado, os imigrantes chineses devem participar ativamente em atividades culturais, desportivas e de lazer de bairro. Por outro lado, as associações da comunidade devem criar oportunidades para divulgar a cultura chinesa e transmitir os valores tradicionais, a fim de dar melhor a conhecer o povo chinês. Por exemplo, o Ano Novo Chinês Lunar é uma boa ocasião para realizar comemorações e convidar os portugueses para participar num conjunto de atividades culturais, tais como oficinas da arte milenar do recorte de papel ou *jianzhi*⁴⁶, oficinas de xilogravuras⁴⁷ que são muito utilizadas na cultura chinesa para decorar casas (diz a tradição que estas são capazes de afastar o mal), ou workshops de aprendizagem de *fengshui*⁴⁸. Com base na planta da sua casa e na sua data de nascimento, esta arte milenar define soluções simples mas eficazes que poderá aplicar de forma a alterar a sua energia, melhorando a sua saúde, os seus relacionamentos e, por conseguinte, a sua prosperidade.

⁴⁶ Jianzhi, (剪纸 em chinês, *Jiǎnzhǐ*) é um estilo tradicional chinês de recorte de papel e foi listado na Lista de Património Cultural Imaterial da UNESCO em 1990. O uso principal de Jianzhi é decorativo, ornamentando portas, janelas, colunas, espelhos e lanternas em casa e supostamente trazendo saúde, boa sorte e prosperidade etc. Informação obtida em <http://en.wikipedia.org/wiki/Papercutting>, consultado no dia 27 de agosto de 2012.

⁴⁷ Xilogravura é a técnica de gravura na qual se utiliza madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado. É um processo muito parecido com um carimbo. Informação obtida em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Xilogravura>, consultado no dia 27 de agosto de 2012.

⁴⁸ Fengshui, (风水 em chinês, *Fēngshuǐ*) significa literalmente “Vento e Água”, representaria um tipo de pensamento taoísta. Segundo as ideias pregadas pelo Fengshui, as pessoas podem utilizar as forças benéficas da Natureza para conservar as influências positivas que supostamente estariam presentes em um espaço e redirecionar as negativas de modo a beneficiar os seus usuários. Informação obtida em http://pt.wikipedia.org/wiki/Feng_shui, consultado no dia 27 de agosto de 2012.

Capítulo V

A Segunda Geração

Teoricamente, os imigrantes da segunda geração referem-se aos descendentes dos imigrantes da primeira geração, que nascem e são criados no país acolhedor. Porém, os imigrantes que mudaram para países acolhedores antes da idade escolar também são incluídos nesta categoria pois, apesar de terem nascido no seu país natal, eles partilham as mesmas características dos “verdadeiros” imigrantes da segunda geração como por exemplo a língua, cultura, ambiente que os rodeia e a experiência de adolescência.

Por outro lado, os imigrantes que mudam para países acolhedores antes da idade adolescente são classificados como imigrantes de 1.5 geração⁴⁹. São eles quem atravessa e está entre o mundo “antigo” e mundo “moderno” mas que não pertencem inteiramente a nenhum dos dois mundos. Devido à diferença proeminente entre estes e os imigrantes de primeira geração em domínios como a língua, cultura e integração, são portanto mais integrados no mundo “moderno” do que mundo “antigo” e consequentemente são incluídos, na maioria dos debates sobre os imigrantes, na segunda geração.

Para uma melhor compreensão de inclusão de imigrantes de 1.5 geração nos imigrantes de segunda geração, é necessário analisar o impacto do sistema de educação do país acolhedor nestes imigrantes. Na minha opinião, apesar dos imigrantes de 1.5 geração não terem começado os seus estudos nos países acolhedores, estes ainda são moldados pelas características locais do país acolhedor sendo que é o país onde passam a sua idade maleável (período etário onde se define a personalidade, os valores, etc...), e além disso, se eles optarem por continuar os seus estudos no país acolhedor serão ainda inseridos no sistema de educação local, que é uma das mais importantes instituições de integração. As diferenças em relação à primeira geração, o sucesso e o nível de educação destes imigrantes são assim pontos-chaves para prever o nível de integração dos imigrantes. Considerando estes pontos críticos, são portanto estes classificados também como imigrantes de segunda geração.

⁴⁹ Refere-se a pessoas que imigram para um novo país antes ou durante a adolescência. São assim designados porque trazem consigo características de seu país de origem mas continuam a sua assimilação e socialização no novo país de residência. Informação obtida em http://en.wikipedia.org/wiki/Immigrant_generations, consultado no dia 4 de setembro de 2012.

Em consequência da escassez de estudos literários ou científicos relacionados com o tema de segunda geração dos imigrantes chineses em Portugal, foi elaborada uma série de entrevistas com os jovens chineses que se enquadram neste grupo, para recolher dados que servem como informação base.

5.1 Identidade étnica

Quando questionado sobre o que significa ser a segunda geração, um dos entrevistados deu-me a seguinte resposta:

Ao contrário dos meus pais, eu nasci em Portugal. Sempre falei o dialeto de Wenzhou e mandarim quando era pequeno. Contudo, quando comecei a andar na escola, reparei que toda a gente falava português e quase ninguém conhecia a língua chinesa. Para além disso, todos tinham uma aparência diferente da minha.

Eu sempre convivo e aprendo com os amigos portugueses. Com o decorrer de tempo, percebi que eu era muito diferente dos meus pais, seja culturalmente ou filosoficamente. Porém, também não sou exatamente como os meus amigos portugueses. Às vezes, pergunto a mim próprio quem é que sou. Afinal sou chinês ou português?

Enquanto me fui questionando e buscando a resposta, eu descobri que as coisas que os meus pais fazem diferem muito do que os pais portugueses fazem. Além disso, não percebia certas práticas ou costumes tradicionais dos meus pais, que considerei serem modas antigas que estão muito para trás desta era.

Eu não gosto de estar com os meus pais e os meus amigos ao mesmo tempo porque seria embaraçoso. Também acabei por descobrir que o "eu" não era verdadeiro "eu", ou melhor, havia dois "eus", pois o comportamento que tenho quando estou com os meus amigos é completamente diferente quando estou com a minha família. Qual será o verdadeiro "eu"? Ou será que os dois "eus" ambos são "eu"?

Esta situação intermédia é algo com que quase todas as crianças da segunda geração dos imigrantes chineses em Portugal se debatem numa determinada fase da sua vida. Alguns acham que é muito confuso, porque a sua identidade étnica é bastante ambígua. Outros identificam-se com a cultura original dos seus pais, enquanto outros acham mais confortável ser português. Ainda há aqueles que não encontram uma identidade clara para si e, assim, perdem o sentido de pertença.

5.1.1 Definitivamente Chinês?

A maioria dos meus entrevistados afirmou ser chinês, principalmente por dois motivos: a aparência e a influência dos seus pais.

«Não é difícil compreender que a raça é um sinal involuntário sobre o qual o indivíduo tem pouco ou nenhum controle, emitindo informações a outras pessoas sobre os vários aspetos de sua identidade étnica»⁵⁰ e «cria um limite claro e intransponível para pessoas com determinados fenótipos, que interfere com a integração de imigrantes para a sociedade local»⁵¹.

Manuela, uma das minhas entrevistadas, disse que não sente qualquer dificuldade em se dar bem com as pessoas locais, mas os seus traços faciais e

⁵⁰ Kibria, Nazli, "Race, Ethnic Options, and Ethnic Binds: Identity Negotiations of Second-Generation Chinese and Korean Americans" em *Sociological Perspectives*, vol. 43, University of California, Berkeley, 2000, n.º 1, pp.78-79.

⁵¹ Alba, Richard, "Bright vs. Blurred Boundaries: Second-generation Assimilation and Exclusion in France, Germany, and the United States" em *Ethnic and Racial Studies*, vol. 28, Routledge, London, 2005, n.º 1, pp. 37-39.

corporais são tão diferentes, que as pessoas sabem à primeira vista que ela é uma chinesa.

Um outro entrevistado, Li, afirmou que ele é chinês porque isso está nos seus genes. As pessoas poderiam reconhecer o seu rosto estrangeiro imediatamente. Ele vive neste país há 17 anos, desde o dia em que nasceu, e tem já a nacionalidade portuguesa há muito anos, mas não importa quanto tempo ele viva neste país, ele nunca será um verdadeiro português.

Quanto à outra razão, os pais desempenham um papel significativo na nossa vida. A maioria dos pais chineses é muito rigorosa a controlar os seus filhos, especialmente quando vivem e lidam com uma nova cultura cujos valores não coincidem com os seus próprios.

Eles podem insistir que “a maneira chinesa é a única maneira” e que as coisas ensinadas aos filhos na escola não se aplicam aos seus casos específicos como descendentes dos imigrantes chineses, ou simplesmente não fazem sentido. Há pais que ficam com o coração despedaçado quando os seus filhos viram as costas aos valores tradicionais da sua cultura.

Estes pais insistem em criar e educar os seus filhos de uma forma tradicional apesar de se encontrarem num ambiente completamente novo. Eles podem incentivar os filhos a adaptarem-se ao ambiente tornando-se fluentes em português, comendo a comida portuguesa, participando em atividades fora de casa, como praticar desportos, ir ao cinema, assistir à escola dominical, etc. No entanto, é só fora de casa que é permitido ou mesmo encorajado para se adaptar às formas portuguesas. Dentro de casa, eles ainda mantêm os costumes e práticas rituais chinesas. O facto das tradições chinesas e os valores serem mantidos dentro de casa significa que esta representa um distinto ambiente “chinês” para a segunda geração, enquanto as influências do mundo exterior são em grande medida mantidas fora.

Wu, por exemplo, chegou a Portugal com sua mãe e irmã quando tinha apenas 8 anos. Eles vieram de Fujian para se reunirem ao seu pai que estava a gerir uma loja de retalho. Wu lembra-se dos seus pais serem bastante rigorosos no que diz respeito a

falar apenas chinês em casa e manter as tradições e valores chineses. Eles também estabeleceram regras sobre quanto tempo ele e a irmã poderiam passar fora de casa depois da escola, insistindo que regressassem imediatamente para casa, a fim de ajudar no negócio da família. Por isso mesmo, ele tem muito poucos amigos portugueses, exceto os colegas na escola.

Wu também deu uma outra resposta a este porquê de se identificar como chinês: a personalidade do indivíduo. *«A personalidade é um fator que vai analisando aquilo que é mais o teu género e aquilo que não é. Por exemplo, os chineses são mais reservados, e como a minha natureza é mais tímida, uma personalidade mais introvertida leva a que me sinta melhor sendo chinês e a tomar atitudes de chineses.»*

Quando perguntei aos entrevistados quais são as influências mais importantes que os pais exercem sobre eles, quase todos apontaram o exemplo de se ser trabalhador, diligente, poupado e filial, sendo o último muito enfatizado dado que, na cultura chinesa, a relação Pai-filho é a essência e plataforma da família, sendo o pai dominante enquanto o filho sempre obedece ao pai superior.

5.1.2 Talvez Português?

O espírito tradicional chinês de ser extremamente diligente e sacrificar o prazer e indulgência pessoal em prol do trabalho é bastante enfatizado na comunidade dos imigrantes chineses. A primeira geração, assim como os recém-chegados, são muito trabalhadores e orientados para fazer fortuna. A maioria deles trabalha sete dias por semana, normalmente relaxa apenas no dia de Natal e no primeiro dia do ano novo. Ao contrário deles, a segunda geração parece atribuir mais importância à vida em si e não se obrigam a fazer uma certa quantidade de dinheiro todos os dias.

Segundo Manuela, cujos pais têm explorado um restaurante há mais de uma década, os pais e os seus tios, que ajudam no restaurante trabalham sábados e domingos, quase não têm tempo para brincar ou descansar. Não gozam férias para descansarem e relaxarem. Parece que o único lema da vida deles é ganhar e poupar. Mas Manuela, apesar do seu respeito para com os mais velhos, não partilha desta

maneira de pensar. Acha que a vida não se resume ao trabalho e ganhar dinheiro e não quer obrigar-se a fazer uma certa quantia de euros todos os dias. Prefere passar os tempos livres a ler, falar com amigos ou passear. Diz que saber relaxar ajuda a trabalhar melhor e com mais eficiência.

Apesar da maioria dos entrevistados afirmar ser chinês, apontaram algumas características chinesas típicas de uma maneira negativa e tentaram distanciar-se delas. Criticaram o facto dos chineses serem superficiais, egoístas, interesseiros, faltarem uma consciência legal, explorando as lacunas jurídicas sempre que possível para evitar as obrigações fiscais. Nuno, um estudante na Universidade de Porto, admitiu que se preferiu associar com os portugueses do que os seus compatriotas porque *«eles são complicados e apenas se preocuparam em construir ligações pessoais. Só se importam se você é rico e útil para eles para poderem levar vantagem dos outros quando surgir a oportunidade.»*

Além disso, o domínio da língua, o estilo de vida e o comportamento são outros identificadores importantes que revelam aspetos semelhantes com os portugueses. A competência linguística é dos fatores mais facilmente detetáveis. A primeira geração de imigrantes chineses ou não fala bem português, ou tem um sotaque muito forte. A segunda geração, pelo contrário, pode falar português perfeitamente enquanto tem conhecimento limitado de mandarim.

Quanto aos comportamentos, Eduardo, também um estudante na Universidade do Porto, que nasceu em Portugal mas passou os primeiros 6 anos na China com os avós e depois veio para Portugal para se reunir com os pais, forneceu um bom exemplo, explicando como ele é diferente da primeira geração. Segundo a nossa conversa no facebook, ele não tem muitos contactos com a primeira geração nem com os recém-chegados porque não gosta deles. Se sair com eles, fariam gritando e cuspiam no espaço público, o que é realmente embaraçoso. Os amigos dele são, na sua maioria, pessoas com um carácter semelhante ao seu porque têm temperamentos e modos de pensar semelhantes.

Em resumo, a segunda geração identifica-se como chinesa, baseando as suas crenças em certos valores e certas características étnicas. Contudo, em muitos casos,

abandonam a sua identidade chinesa e submetem-se à identidade portuguesa porque alguns comportamentos típicos dos chineses são inadequados em muitos contextos sociais em Portugal.

5.2 Fatores chave em relação à mobilidade social e a integração

Integração é um processo multidimensional cuja concretização e sucesso não podem ser medidos por um qualquer indicador isolado. Para debater e discutir sobre este tema, não é possível evitar quatro dimensões críticas, a saber, a dimensão estrutural (sucesso académico e acesso ao mercado primário ou secundário de trabalho⁵²), a dimensão social (meio e interação social), a identidade (identidade social e sentimento psicológico de comunidade que é um sentimento que somos parte de uma rede de relacionamentos de suporte mútuo, sempre disponível e da qual podemos depender) e a dimensão normativa (valores étnicos)⁵³.

Entre elas, a dimensão estrutural é considerada de suma importância, uma vez que é decisiva para a posição social de um indivíduo na sociedade acolhedora. A posição de certa pessoa na sociedade está intimamente ligada com o seu acesso aos recursos e às oportunidades de trabalho mas, por sua vez, melhores oportunidades de trabalho, em princípio, só serão possíveis se certo indivíduo tiver formação académica ou profissional de nível superior. Portanto, esta secção analisará apenas a dimensão estrutural da integração, designadamente o desempenho escolar da segunda geração.

Na análise sobre o desempenho escolar dos imigrantes de segunda geração, vários fatores são considerados bastante influentes: recursos da família, composição familiar e modo de incorporação; o contexto de saída (refere-se aos recursos iniciais disponibilizados pelos pais antes da emigração como por exemplo dinheiro, competências, conhecimentos e classe social a que se pertence na terra natal); o

⁵² O mercado de trabalho primário é caracterizado por cargos de carreira estáveis, salários relativamente altos, progresso técnico, produtividade alta e pela existência de canais de promoção ocupacional dentro das próprias firmas, pela oferta de formação no próprio trabalho, promoção por antiguidade, enquanto o mercado de trabalho secundário é caracterizado por alta rotatividade da mão de obra, salários relativamente baixos, más condições de trabalho, baixa produtividade, estagnação tecnológica e níveis relativamente altos de desemprego. Informação obtida em http://www.fapese.org.br/revista_fapese/v2n2/artigo8.pdf, consultado no dia 10 de Setembro de 2012.

⁵³ Wang, Kuo-chiang, *Second-Generation Chinese Immigrants Entrepreneurship in Vienne: Identities and Economic Activities*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Vienne, Vienne, 2008, p. 38.

contexto de receção (posição que ocupa na estratificação racial, políticas governamentais, condições de mercado de trabalho, atitude e a força de comunidade étnica).

Em resumo, os fatores acima mencionados sublinham a importância do estatuto socioeconómico dos pais da segunda geração. Este estatuto está relacionado com a aspiração pela educação, opiniões sobre sistema escolar, apoio para continuação de carreira académica, consumo cultural, etc.

5.2.1 Estatuto socioeconómico dos pais

O estatuto socioeconómico dos pais é importante para a educação dos seus descendentes por várias razões das quais se destacam duas. Em primeiro lugar, um estatuto socioeconómico elevado normalmente está associado a poder económico e um rendimento estável, que retira pressão económica aos descendentes, criando um ambiente escolar favorável, e possibilitando melhores recursos educacionais como melhores materiais escolares, professores privados e/ou atividades extracurriculares.

Em segundo lugar, um estatuto socioeconómico elevado também é sinónimo de recursos culturais, que se reflete na educação dos pais, estilo de educação, e as opiniões sobre educação. Os pais melhor qualificados podem ajudar os seus filhos no processo de adaptação a uma nova escola, uma nova cultura e uma nova linguagem. Os seus próprios sucessos académicos são, em certo sentido, uma motivação para os filhos se esforçarem por terem igualmente sucesso escolar.

A maioria dos imigrantes chineses saiu do país em busca de uma vida económica melhor. Os imigrantes chineses provenientes de Zhejiang, especialmente de cidade Wenzhou e Qingtian, são em grande número operários e agricultores que não tinham um nível de qualificação exigido para se integrarem no mercado de trabalho em Portugal, mesmo que seja num mercado de trabalho secundário. Os pilares económicos da comunidade chinesa atrás descritos, especialmente a restauração, foi deste modo uma das poucas oportunidades que se lhes apresentou.

Analise-se mais atentamente a influência do estatuto socioeconómico dos pais no desempenho académico da segunda geração.

Em primeiro lugar, os imigrantes chineses de primeira geração trabalhavam para conseguirem sustentar-se, desejando ainda poupar dinheiro para começar os seus próprios negócios ou regressarem à China. Apesar dos salários que recebiam não contradizerem muito com os esforços que foram feitos, as duras e longas horas de trabalho quase sem descanso deixavam os pais exaustos e com pouco tempo e energia para cuidar dos filhos e dos seus estudos.

Em segundo lugar, os filhos começam a trabalhar durante a juventude, e alguns têm mesmo de abandonar a escola por esta razão. O facto de filhos dos imigrantes sacrificarem os seus estudos por causa do negócio dos pais está muito ligado à natureza de negócio familiar e oportunidades de trabalho oferecidas no país acolhedor.

Em Portugal, o salário mínimo, as taxas e contribuições sociais são responsabilidades pesadas para os empregadores. Com o objetivo de diminuir despesas, os pequenos negócios tendencialmente preferem contratar trabalhadores ilegais. Atualmente, com o crescimento limitado do mercado português e a feroz concorrência, muitas vezes, para conseguir reduzir o preço da venda, os filhos são “obrigados” a ajudar os pais, diminuindo assim o custo de negócio. Foi o caso de Manuela, que conseguiu entrar na universidade, mas que se sentiu obrigada a deixar os estudos universitários para apoiar o negócio da família.

Por último, o capital cultural está também associado ao estatuto socioeconómico. Os imigrantes de primeira geração não tiveram educação ou formação adequada pelo que pouco puderam auxiliar os seus filhos na integração na escola ou a ultrapassar dificuldades durante a aprendizagem. Li, cujos pais gerem uma loja na Amadora, mencionou na entrevista que os seus pais não tinham bom domínio da língua portuguesa e recorriam à tradução dele ou da sua irmã para comunicarem com os professores da escola. Também admitiu que os poucos conhecimentos de Portugal e da sua cultura que os pais possuem estavam ligados à sua situação desvantajosa na escola, por comparação com as outras crianças portuguesas.

5.2.2 Valores culturais tradicionais chineses

Para além do fator socioeconómico acabado de referir, os diferentes valores culturais tradicionais também influenciam profundamente o nível de desempenho escolar dos filhos de imigrantes.

No confucionismo, a educação é altamente prestigiada. Os estudiosos tiveram um estatuto social tão importante como os padres nos tempos antigos em Portugal. Normalmente, os pais que seguem os preceitos do confucionismo investem e dão grande importância à educação dos seus filhos e fariam um esforço enorme para melhorar o seu desempenho escolar. Contudo, no caso de filhos imigrantes chineses em Portugal, este valor não está profundamente enraizado.

Os pais imigrantes, na maioria das vezes, não acompanham o desempenho dos filhos na escola, ocupam o seu horário extra-escola com o negócio familiar e até os obrigam a deixar a escola. Embora não sentissem a mesma vontade, mas influenciados por um dos valores nucleares do confucionismo 父为子纲⁵⁴, os filhos acabam por se comprometerem.

O pai de Chen⁵⁵, uma outra entrevistada, foi professor antes de vir para Portugal. Ele saiu da China em busca de uma melhor qualidade de vida e uma melhor oportunidade de educação para a sua filha. Porém, quando o seu negócio teve falta de colaboradores, ele pediu a ajuda dela. O custo de ajuda foi o abandono de escola por Chen. Quando confrontados com dificuldades financeiras e outros problemas, os valores tradicionais que exaltam a educação parecem perder a sua prevalência.

⁵⁴ 父(*fù*) significa o pai e 子(*zǐ*) o filho, 纲(*gāng*) remete para a ordem social que se segue na sociedade feudal. 父为子纲(*fù wéi zǐ gāng*) quer dizer que o pai é que manda na família, devendo o filho manifestar respeito e obediência filial ao pai dominante. Este valor faz parte das três regras para ordem social feudal, i.e., 君为臣纲(*jūn wéi chén gāng*), 父为子纲(*fù wéi zǐ gāng*), 夫为妻纲(*fū wéi qī gāng*) (significa relacionamento entre governador e governados, entre pais e filhos, entre marido e mulher, exibindo sempre o segundo obediência absoluta perante o primeiro). Estas três regras, em conjunto com as cinco qualidades humanas, i.e., 仁(*rén*, bondade), 义(*yì* justiça), 礼(*lǐ*, respeito), 智(*zhì*, sabedoria) e 信(*xìn*, confiança), emolduram a cultura confucionista tradicional. (NdA)

⁵⁵ Entrevista realizada no dia 28 de agosto de 2012.

Por outro lado, os valores tradicionais também exercem pressão nas famílias chinesas. O bem-estar da família fica no topo da pirâmide das prioridades, ultrapassando os interesses pessoais. No caso da Chen, esta influência foi claramente vista e muito mais acentuada. Ela encontrou-se num dilema entre a sua carreira académica e o negócio da família. E por fim, ela desistiu da escola e escolheu ajudar a sua família.

É um fato geralmente reconhecido, que as mulheres chinesas são frequentemente encaradas como trabalhadoras não-pagas da família, por vezes exercendo trabalhos que não correspondem à sua qualificação profissional, o que poderá estar relacionado com o sexismo. Neste sentido, alguns valores tradicionais impedem os filhos dos imigrantes de terem um percurso académico mais longo e profícuo. Contudo, é necessário realçar que a influência dos valores obstrutores também está proporcionalmente relacionada com o estatuto socioeconómico dos pais. Quando as famílias se encontram numa situação financeira difícil, é provável que os filhos sacrifiquem as suas oportunidades individuais em prol do bem-estar da família.

Não obstante a ausência de dados específicos sobre o nível atual de sucesso académico da segunda geração dos imigrantes chineses, pode-se confirmar sem grande margem de erro, consoante a minha observação e informações obtidas a partir das entrevistas realizadas, que muito poucos conseguem chegar à educação superior, sendo que a maioria começa a trabalhar ao terminar o 12º ano e alguns até deixam a escola antes de completarem o ensino secundário. O baixo nível de escolaridade, por sua vez, implica dificuldades acrescidas no acesso ao mercado de trabalho local.

Conclusão

A comunidade chinesa é a maior comunidade asiática presente em território português, no entanto, representa uma parte pequena dos imigrantes em Portugal – sendo apenas a 12ª maior comunidade imigrante em Portugal. A comunidade formou-se por dois movimentos migratórios, registados respetivamente nos anos 70 e 80 do século XX.

Neste trabalho centramo-nos nos imigrantes chineses provenientes do território continental da China, especialmente imigrantes vindos das regiões de Wenzhou e de Qingtian, na província de Zhejiang, que representa a maioria absoluta dos chineses presentes em Portugal. A exclusão dos imigrantes chineses oriundos de ex-colónias portuguesas como Moçambique prende-se com o facto de estes já se encontrarem bem integrados no país acolhedor.

Apesar da sua intensa presença no país, com estabelecimentos de retalho e restauração em todos os cantos de Portugal, a comunidade mantém-se bastante discreta. Através da presente pesquisa, é possível concluir que a dificuldade linguística, apesar de ser um dos fatores-chave, não é de maneira nenhuma o único fator de segregação da comunidade. Na minha opinião, um outro fator-chave tem a ver com a existência da economia do enclave étnico chinês, que oferece aos membros da mesma etnia postos de trabalho e que torna a comunidade autossuficiente, desvalorizando assim a necessidade de integração na sociedade local.

Como foi discutido no segundo capítulo deste trabalho, a economia do enclave étnico foi inicialmente sustentada pelo setor de restauração e, posteriormente, alargou-se ao comércio de retalho e venda a por grosso. O desenvolvimento destes três pilares económicos relaciona-se intensamente com o baixo nível de qualificação da maioria dos imigrantes.

Contudo, a sustentabilidade da economia não se garante apenas pelas indústrias de mão de obra intensiva, em consequência, apontou-se uma série de desafios com que os comerciantes chineses se têm de defrontar. São eles a baixa qualidade de produtos comercializados, modelo organizacional primitivo, o ciclo vicioso da concorrência desleal, e ainda a saturação de mercado português. Face a

estes desafios, é inevitável e crucial encontrar áreas de negócios alternativas e explorar as novas áreas económicas.

Devido à falta de conhecimento específico e informações escassas, foi apenas esmiuçado o setor de restauração como exemplo principal. As sugestões e recomendações podem ser sumarizadas em três pontos-chave: originalidade, salubridade e classe. Em relação aos outros setores, na minha opinião, é crucial serem criativos e modernizarem-se para fidelizarem ou mesmo captarem consumidores com diferentes perfis. Este tema não foi aprofundado pelos motivos referidos acima, embora fosse muito útil que especialistas se debruçassem sobre o assunto.

Quanto a potenciais novas áreas económicas, a agricultura foi apontada como possível setor onde apostar. Constatou-se que Portugal tem um enorme potencial de mercado agrícola, pois a produção interna não é suficiente para satisfazer um mercado com vasta procura e o país depende muito das importações. Além do nível de procura, fatores como condições geográficas, climáticas e políticas também favorecem um melhor desenvolvimento deste setor. É relevante notar a crescente popularidade dos produtos biológicos, podendo esta ser uma outra área que vale a pena explorar.

A taxa de empreendedorismo dos imigrantes chineses é indiscutivelmente uma das mais altas em Portugal e, portanto, a maioria das associações existentes promovidas por e para os chineses são de natureza comercial ou industrial. Apesar disso, existe também a Associação Cristã dos Chineses que descrevemos oportunamente. Apesar de ainda não ter sido devidamente estudada, esta organização mantém uma elevada influência dentro da comunidade. De acordo com os nossos estudos e observações pessoais sobre o assunto, conclui-se que esta organização, para além de ter influência religiosa, serve também como uma plataforma social dentro da comunidade.

A integração da comunidade foi um tema abordado de forma recorrente neste trabalho. De acordo com os resultados de inquéritos e estudos empíricos, é bastante claro que a comunidade chinesa apresenta um baixo nível de integração devido a dificuldades linguísticas, autossuficiência económica, e ambiente hostil e discriminatório existente em Portugal.

No entanto, como referido pelo Conselho da EU, a integração é um processo mútuo que não só requer esforço por parte dos imigrantes mas também do país acolhedor. Enquanto o governo e serviços públicos elaboram políticas da integração e organizam programas para reforço da comunicação e diálogo social, é de responsabilidade dos imigrantes chineses explorarem e aproveitarem eficazmente estes projetos.

Importa reforçar a necessidade de respeito pelos valores fundamentais da sociedade de acolhimento, aprendizagem da língua portuguesa, reforço da educação e uma maior taxa de participação cívica que, segundo opinião pessoal, são bases fundamentais para uma integração com sucesso. No entanto, tal como referido na tese, o baixo nível de escolaridade dos chineses residentes em Portugal pode condicionar a perceção judicial e educacional, dificultando assim a sua capacidade de aprendizagem e colocando em risco a valorização da educação. Neste sentido, é provável que um nível elevado de integração de imigrantes chineses na sociedade local demore décadas.

Foram levantadas algumas questões relacionadas com a segunda geração no último capítulo deste trabalho. Neste contexto, a análise empírica permite concluir que a identificação de segunda geração sobre sua identidade cultural não é dúbia, por oposição à minha premissa inicial. A maioria dos entrevistados afirmou ser chinês por simples razões de raça, língua, valores culturais, práticas sociais e formas de pensar. No entanto, em certas circunstâncias, eles querem ser diferenciados da imagem estereotipada dos imigrantes chineses, pois alguns comportamentos típicos são encarados como estranhos na sociedade acolhedora. Apesar da influência dominante da cultura tradicional chinesa, a segunda geração não pôde evitar ser influenciada pela cultura local e apresenta algumas diferenças na forma de pensar, em comparação com a primeira geração ou os recém-chegados.

A segunda geração também tem mostrado um nível relativamente baixo de integração, embora muito melhor do que o dos seus pais. Este fenómeno é facilmente explicado, uma vez que a comunidade chinesa é muito conservadora e os valores culturais tradicionais são fortemente mantidos no seio da família, o que dificulta o processo de assimilação e aculturação da segunda geração.

Um outro fator relevante será o baixo nível de sucesso escolar, que em média se verifica. Por um lado, a maioria das famílias dos imigrantes chineses não atribui grande valor à educação dos filhos, a quem é exigido que ajudem nos negócios da família depois da escola. Por outro lado, os filhos podem ser desincentivados de atingirem um nível de qualificação superior por causa da barreira linguística. A discriminação ou ambiente hostil e outros problemas de adaptação podem também condicionar o caminho para o sucesso escolar.

Bibliografia

1. ALBA, Richard, "Bright vs. Blurred Boundaries: Second-generation Assimilation and Exclusion in France, Germany, and the United States" em *Ethnic and Racial Studies*, vol. 28, Routledge, London, 2005, n. °1, pp. 20-49.
2. BAPTISTA, João Afonso, *Os Chineses: Percursos Migratórios e Estratégias de Implementação*, Autonomia 27, Azeitão, 2006.
3. COSTA, Francisco Lima, "O Contributo das Associações para a Migração: O Caso da Comunidade Chinesa em Portugal" em *Revista da Administração Pública*, vol. XV, Macau, 2002, n. °2, pp. 667-689.
4. Entrevista com Y Ping Chow: "A Comunidade Chinesa Sente-se Bem em Portugal", em *Boletim Informativo*, ACIDI, outubro, 2005, n. °33, pp.14-15.
5. FLAK, Agnes M., *The Role of The Media in The Integration of Ethnic Immigrants in Germany*, Dissertação de Licenciatura, Washington and Lee University, Lexington, Virginia, 2003.
6. FONSECA, Maria Lucinda e MALHEIROS, Jorge, "Immigration and Globalisation from Bellow: the Example of Ethnic Restaurants in Lisboa" em *Revista Portuguesa de Geografia*, vol. XXXIX, Lisboa, 2004, n. °77, pp. 153-181.
7. GUIMARÃES, Susana Raquel e FERNANDES, José Rio, *O Comércio de Origem Chinesa e O Espaço Comercial da Varziela (Vila do Conde)*, Universidade do Porto, Porto, 2009.
8. KIBRIA, Nazlim, "Race, Ethnic Options, and Ethnic Binds: Identity Negotiations of Second-Generation Chinese and Korean Americans" em *Sociological Perspectives*, vol. 43, University of California Press, Berkeley, 2000, n. °1, pp. 77-95.

9. KUSHNIROVICH, Nonna, “Ethnic niches and immigrants' integration” em *International Journal of Sociology and Social Policy*, vol. 30, Emerald Group Publishing, West Yorkshire, 2010, pp. 412 – 426.

10. LI, Zhi Sui 李志遂, 中餐业在葡萄牙的发展战略和建议—以实际案例为背景的研究(*Zhōngcānyè Zài Pútáoyá De Fāzhǎn Zhànlüè He Jiànyì - Yǐ Shíjì Ànlì Wéi Bèijǐng De Diàochá*) , *Proposta para Desenvolvimento Estratégico do Setor da Restauração Chinesa em Portugal: um Estudo baseado num Caso Real*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Shanghai, Shanghai, 2007.

11. MAPRIL, José, “De Wenzhou ao Martim Moniz: práticas diaspóricas e a (re)negociação identitária do local” em *Ethnologia*, Fim de Século, Lisboa, 2002, n. °12, pp. 253-294.

12. MATIAS, Ana, *Imagens e Estereótipos da Sociedade Portuguesa Sobre a Comunidade Chinesa – Interação Multissecular via Macau*, Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e das Empresas, Lisboa, 2002.

13. MORTÁGUA, Maria João Vieira de Almeida, *Os imigrantes Chineses no Sul da Europa na Viragem do Século XX para o Século XXI*, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Salamanca, Salamanca, 2011.

14. NEVES, Miguel Santos e ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, “As diásporas e a globalização – a comunidade de negócios chinesa em Portugal e a integração da China na economia global” em *Revista Migrações – Número Temático Empreendedorismo Imigrante*, ACIDI - Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, Lisboa, 2008, n. °3, pp. 165-189.

15. OLIVEIRA, Catarina Reis, “*Immigrants: Entrepreneurial Opportunities: The Case of Chinese in Portugal*”, Fondazione Eni Enrico Mattei, Milano, 2003.

16. PEIXOTO, João (coordenação), PEREIRA, Sónia, SABINO, Catarina, MURTEIRA, Susana e COSTA, Paulo Manuel, *O Tráfico de Migrantes em Portugal: Perspetivas Sociológicas, Jurídicas e Políticas*, Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, Lisboa, 2005.
17. PEREIRA, Maria Adelaide Diarte Abreu, *A Comunidade Chinesa Imigrante em Portugal e Os Cuidados de Saúde*, Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, Lisboa, 2008.
18. ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, NEVES, Miguel Santos e BONGARDT, Annette, *Comunidade de Negócios Chinesa em Portugal. Catalizadores da Integração da China na Economia Global*, INA - Instituto Nacional de Administração, Oeiras, 2006.
19. SANTO, Ricardo Valentim Marques Carvalho do Espírito, *A Questão da Securitização da Imigração Chinesa em Portugal no Quadro da União Europeia*, Relatório de Estágio, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.
20. SANTOS, Tânia Rita Silva dos, *A Comunidade Chinesa em Portugal: fatores de risco, fatores protetores e rede social*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.
21. WANG, Kuo-chiang, *Second-Generation Chinese Immigrants Entrepreneurship in Vienne: Identities and Economic Activities*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Vienne, Vienne, 2008.
22. WANG, Xiaoping, 王晓萍 e LIU, Hong, 刘宏, 欧洲华人华侨与当地社会关系: 社会融合 经济发展 政治参与(*Ōuzhōu Huárén Huáqiáo Yǔ Dāngdì Shèhuì Guānxì: Shèhuì Rónghé · Jīngjì Fāzhǎn · Zhèngzhì Cānyǔ*), *A Relação entre as Comunidades Chinesas na Europa e as Sociedades de Acolhimento: Integração Social, Desenvolvimento Económico e Participação Política*, Universidade de Zhongshan, Guangzhou, 2011.

23. WONG, Bernard P., *Chinatown: Economic Adaptation and Ethnic Identity of the Chinese*, Wadsworth Pub Co, California, 2002.
24. XU, Huabing, 徐华炳, 意大利普拉托的中国移民社会调查 (*Yìdàlì Pǔlātūō De Zhōngguó Yímín Shèhuì Diàochá*) , “Um Estudo Sobre a Comunidade Chinesa em Prato” em *Overseas Chinese Journal of Bagui*, Nanning, 2009, n. ° 2, pp. 36-40.
25. XU, Huabing, 徐华炳, 温州海外移民形态及其演变 (*Wēnzhōu Hǎiwài Yímín Xíngtài Jí Qí Yǎnbiàn*), “Formação e Desenvolvimento da Emigração Chinesa Originária de Wenzhou” em *ZHEJIANG SOCIAL SCIENCES*, Wenzhou, 2010, n. °12, pp. 80-84.

Weblinks

1. http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=473174
2. http://www.advogados.in/index.php?option=com_content&view=article&id=57:legislacao-sobre-regulariza-de-imigrantes&catid=28:direito-das-pessoas&Itemid=39
3. <http://chinese-school.netfirms.com/guanxi.html>
4. <http://jzjshen.blog.163.com/blog/static/2628053200791294624716/>
5. <http://www.zhgpl.com/crn-webapp/doc/docDetailCNML.jsp?docid=100512279>
6. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7693.pdf>
7. <http://news.sohu.com/20070811/n251534681.shtml>
8. <http://wenku.baidu.com/view/6bcb183b5727a5e9856a618e.html>
9. <http://www.tvi24.iol.pt/noticia.html?id=754753>
10. <http://www.enaro.eu/dsip/download/eu-Common-Basic-Principles.pdf>
11. <http://www.acidi.gov.pt/es-imigrante/servicos/portugues-para-todos/cursos-de-portugues---lingua-portuguesa>
12. http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=2598213&seccao=Sul
13. <http://en.wikipedia.org/wiki/Papercutting>
14. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Xilogravura>
15. http://pt.wikipedia.org/wiki/Feng_shui
16. <http://www.doc88.com/p-776872833323.html>
17. <http://wenku.baidu.com/view/5b391ecd0508763231121294.html>
18. <http://bbs.huanqiu.com/thread-356948-1-1.html>

19. <http://news.sohu.com/20070624/n250742615.shtml>
20. <http://www.docin.com/p-125150602.html>
21. http://ooutrochines.no.sapo.pt/Cap_07_Outro_Chines_1_Imigrantes.htm
22. http://www.missaochina.gov.pt/noticias_noticia_16.asp
23. <http://wenku.baidu.com/view/6bcb183b5727a5e9856a618e.html>
24. <http://www.gdql.org/hwqq/ShowArticle.asp?ArticleID=18933>
25. http://www.zhgpl.com/doc/1012/4/3/5/101243522_3.html?coluid=7&kindid=0&docid=101243522&mdate=0227234830
26. <http://www.cqvip.com/Read/Read.aspx?id=36164755>
27. <http://www.doc88.com/p-307127436892.html>
28. <http://www.cqcb.com/cbnews/instant/2010-09-08/275288.html>
29. <http://expresso.sapo.pt/como-vivem-os-adolescentes-chineses-em-portugal=f564646>
30. http://www.fapese.org.br/revista_fapese/v2n2/artigo8.pdf
31. http://www.snpcultura.org/vol_jovens_chineses_portugal.html
32. <http://www.destak.pt/artigo/90674>
33. <http://expresso.sapo.pt/ano-novo-chines-comemoracoes-sao-discretas-para-os-20-mil-chineses-residentes-em-portugal=f565383>

ANEXOS

问卷调查 一

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO I

您好！为完成以《中国侨民在葡萄牙》的硕士论文，本人撰写了此调查问卷，旨在了解华人天主教会在葡萄牙华人社区中的作用和影响。恳请您提供宝贵意见。谢谢您的帮助！

O presente inquérito enquadra-se numa investigação no âmbito do Mestrado em “Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial”, da Universidade do Minho, a fim de que seja possível produzir a dissertação respetiva – *A Comunidade Chinesa em Portugal: acerca de atividades económicas, associativismo, integração e a segunda geração*.

Pretende-se aferir com este questionário qual é a influência e a importância que a Associação Cristã tem sobre os imigrantes chineses.

A sua opinião é muito importante. Obrigada pela colaboração.

1. 您的年龄是 (Qual é a sua idade)?

A. 18 岁以下 (Menos de 18 anos)

B. 18 岁至 30 岁 (18-30 anos)

C. 30 岁至 45 岁 (30-45 anos)

D. 45 岁以上 (mais do que 45 anos)

2. 您的性别是 (Qual é o seu sexo)?

A. 男性 (Homem)

B. 女性 (Mulher)

3. 您的职业是 (Qual é a sua profissão)?

A. 学生 (Estudante)

B. 工人 (Trabalhador por conta de outrem)

C. 老板 (Trabalhador por conta própria)

D. 无业人士 (Desempregado)

4. 您在葡萄牙的居住时间是 (Há quanto tempo está em Portugal)?

A. 不足一年 (Menos de 1 ano)

B. 一至三年 (1-3 anos)

C. 三至五年 (3-5 anos)

D. 五年以上 (mais de 5 anos)

5. 您在葡萄牙是否有亲朋好友 (Voc êtem familiares e amigos em Portugal)?

- A. 有很多 (Muitos)
- B. 有一些 (Alguns)
- C. 没有 (Nenhum)

6.您是否会感觉精神紧张，压抑或者孤独空虚等消极情绪（如果选 A,B 或 C，请继续回答问卷；如果选 D，请跳至第 8 题）(Alguma vez se sentiu stressado, deprimido ou sozinho? Se escolheu A, B ou C por favor continue o questionário, se escolheu a opção D salte para a pergunta 8).

- A. 每天都会 (Todos os dias)
- B. 时常会 (Frequentemente)
- C. 偶尔会 (De vez em quando)
- D. 从没有 (Nunca)

7. 导致您产生以上消极情绪的原因有哪些 (Quais são as razões que o/a levam a sentir-se stressado, deprimido ou sozinho)?

- A. 远离家乡，思乡心切 (Estar longe de terra natal)
- B. 语言不通，生活工作中容易产生困难挫折 (Problemas causadas pelo não domínio de língua portuguesa)
- C. 不了解当地的文化背景，价值观和民族认知感存在差异，难以融入主流社会 (Diferentes valores culturais)
- D. 生活范围狭窄，娱乐消遣活动贫乏 (Diversão restrita e rotinas simples)
- E. 缺乏友情或爱情，与人交流沟通少 (Falta de amizades/relações/interação com as pessoas)
- F. 其他 (Outras)

8. 您在移民前，是否相信天主教 (Antes da imigração, concordava com a religião cristã)?

A. 相信 (Totalmente)

B. 半信半疑 (Em parte)

C. 不相信 (Não)

D. 无所谓 (Indiferente)

9. 您在移民后，是否相信天主教 (Depois da imigração, concordou com a religião cristã)?

A. 相信 (Totalmente)

B. 半信半疑 (Em parte)

C. 不相信 (Não)

D. 无所谓 (Indiferente)

10. 如果您信仰天主教，是否参加华人教会？（如果选 A，请继续回答第 11-14 题；如果选 B，调查问卷到此结束，感谢您的参与）（Se é crente, é membro da Associação Cristã Chinesa? Se escolheu A, por favor continue o questionário, se escolheu a opção B, pode terminar o questionário. Obrigada pela sua cooperação.)

A. 参加 (Sim)

B. 不参加 (Não)

11. 您参加华人教会的目的有哪些 (Quais são as principais razões da sua participação)?

A. 寻求精神寄托或物质帮助 (Em busca de ajuda espiritual/material)

B. 交朋友或寻找婚恋对象 (Em busca de relações)

C. 寻求免费的教会服务，如葡语学习、协助就业、提供租房信息 (Em busca de serviços gratuitos como por exemplo aulas de português, informações de trabalho, ajuda em empreendedorismo, etc.)

D. 让子女接受教会的道德教育 (Em busca de um bom ambiente para educar a 2ª geração)

E. 纯粹无聊打发时间 (Para passar o tempo)

F. 其他 (Outras)

12. 您认为华人教会能满足您的需求吗 (A sua participação satisfaz as suas necessidades)?

A. 满足 (Totalmente)

B. 基本满足 (Em grande parte)

C. 不太能满足 (Em pequena parte)

13. 您参加华人教会组织的活动的频率是 (Com que frequência participa nas atividades organizadas pelas igrejas cristãs chinesas)?

A. 每周都参加 (Participo semanalmente)

B. 有时间就参加 (Participo quando possível)

C. 基本不参加 (Raramente participo)

14. 您觉得信教是否给您的生活带来很大影响 (A crença na religião tem impacto na sua vida real)?

A. 有很大影响 (Tem grande impacto)

B. 有一些影响 (Tem impacto limitado)

C. 基本没有影响 (Sem impacto)

15 如果选 A 或 B，请具体填写有哪些影响 (Se escolheu as opções A ou B na alínea 14, por favor explicita quais os impactos):

问卷调查二

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO II

您好！为完成以《中国侨民在葡萄牙》的硕士论文，本人撰写了此调查问卷，旨在了解中国侨民在葡萄牙主流社会的融入状况。恳请您提供宝贵意见。感谢您的帮助！

O presente inquérito enquadra-se numa investigação no âmbito do Mestrado em “Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial”, da Universidade do Minho, a fim de que seja possível produzir a dissertação respetiva – *A Comunidade Chinesa em Portugal: acerca de atividades económicas, associativismo, integração e a segunda geração*.

Pretende-se aferir com este questionário a atualidade da integração social que a comunidade chinesa em Portugal enfrenta.

A sua opinião é muito importante. Obrigada pela colaboração.

1. 您的年龄是 (Qual é a sua idade)?

A. 18岁一下 (Menos de 18 anos)

B. 18岁至30岁(18-30 anos)

C. 30岁至45岁(30-45 anos)

D. 45岁以上 (Mais de 45 anos)

2. 您在葡萄牙的居住时间为(Há quanto tempo está em Portugal)?

A. 不足一年 (Menos de 1 ano)

B. 一至三年 (1-3 anos)

C. 三至五年 (3-5 anos)

D. 五年以上 (Mais de 5 anos)

3. 您的移民身份是 (A que nível de imigrante geracional pertence)?

A. 一代移民 (Imigrante de 1^a geração)

B. 1.5代移民，在中国出生，于青春期前移民来葡萄牙 (Imigrante de 1.5^a geração, nascido na China e migraram para Portugal antes de chegar a idade adolescente)

C. 二代移民，在葡萄牙出生和长大 (Imigrante de 2^a geração, nascido e criado em Portugal)

4. 您对葡萄牙这个国家的看法是 (O que acha de Portugal)?

A. 喜欢 (Gosto de Portugal)

B. 对某些方面感兴趣，比如足球，饮食，气候等 (Interessado em Portugal em alguns aspetos como por exemplo futebol, gastronomia, clima, etc.)

C. 不喜欢 (Não gosto de Portugal)

D. 无特别感觉 (Sem opinião)

5. 您在日常生活中是否有接触到葡萄牙人 (Tem contactos diretos com os portugueses)?

A. 经常有 (Frequentemente)

B. 很少有 (Raramente)

6. 是在怎样的情况下接触到葡萄牙人的 (Em que circunstâncias é que se relaciona com os portugueses)?

A. 工作需要 (Razões profissionais)

B. 朋友关系 (Relacionamento de amizades)

C. 学习需要 (Razões de estudo)

7. 在您接触的葡萄牙人中你觉得他们是怎么样的 (O que acha dos portugueses)?

A. 乐意和中国人交往，很友善 (São simpáticos e tolerantes)

B. 礼貌但是有距离感 (São educados mas existem barreiras)

C. 对中国人有偏见，不太友善 (São preconceituosos)

8. 你在生活中是否遭遇到歧视 (Alguma vez foi alvo de racismo)?

A. 有，如种族、语言、能力等 (Sim, devido a raça, capacidade linguística, etc.)

B. 没有，当地人很友好 (Não, são bastantes tolerantes e simpáticos)

C. 说不清 (N/R uma vez que é difícil de definir atos de racismo)

9. 您在葡萄牙的生活遇见的困难来自于哪些方面 (Quais são as principais dificuldades enfrentadas ao viver em Portugal)?

- A. 语言不通 (L íngua portuguesa)
- B. 文化氛围难融入 (Choque cultural)
- C. 饮食不习惯 (Gastronomia diferente)
- D. 受到歧视 (Racismo)
- E. 其他 (请指明) (Outras, indique se faz favor):

10. 您对葡萄牙语的掌握情况是 (N ível de profici ência de l íngua portuguesa)?

- A. 应用自如 (N ível avan çado C1+)
- B. 会基本用语, 能满足生活需要 (N ível médio B1 ou B2)
- C. 基本不太会 (N ível de inicia ção A1 ou A2)

11. 如语言掌握不佳, 您是否会努力学习 (Estudar áse n ão dominar a l íngua portuguesa)?

- A. 会 (Sim)
- B. 不会 (N ão)

12. 如果外出就餐 (Quando come fora)...

- A. 总是吃葡餐 (Escolhe sempre comida portuguesa)
- B. 总是吃中餐 (Escolhe sempre comida chinesa)
- C. 大部分情况下吃葡餐 (Escolhe na maioria das vezes comida portuguesa)
- D. 大部分情况下吃中餐 (Escolhe na maioria das vezes comida chinesa)

13. 当地的中文报纸您阅读的栏目时 (O que lê nos jornais chineses locais)?

- A. 完全看中国国内新闻 (L ê sempre not ícias da China)
- B. 完全看葡萄牙国内新闻 (L ê sempre not ícias de Portugal)

- C. 主要看中国国内新闻 (Lêna maioria das vezes not ícias da China)
- D. 主要看葡萄牙国内新闻 (Lêna maioria das vezes not ícias de Portugal)

14. 您有葡萄牙朋友吗 (Tem amigos portugueses)?

- A. 有比较好的朋友 (Sim, amigos com quem se relaciona frequentemente)
- B. 很少，只限于点头之交 (Alguns conhecidos)
- C. 基本没有 (Muito poucos)

15. 您介意和葡萄牙本地人恋爱通婚吗 (O que pensa de um relacionamento luso-chinês)?

- A. 很介意，绝无可能 (Imposs ível de aceitar)
- B. 恋爱可以，不会结婚 (É poss ível aceitar um namoro)
- C. 不介意，有合适对象会考虑结婚 (N ão se importa, aceito mesmo se for o casamento)